

COLEÇÃO
VERSEJAR
DE LITERATURA
EDIÇÃO ESPECIAL OURO

1
VOLUME

Entre Poesias, Contos e Crônicas



EDITORA
VERSEJAR

Prefácio

Sumário

Prefácio.....	3
André Luiz Martins de Almeida	13
Violência ou Preconceito	14
Canto do Verde.....	15
Recordações e Lembranças (Soneto)	16
Até que Ele Venha André Luiz Martins de Almeida.....	17
Joia Preciosa	18
Salmos Poéticos (Soneto)	19
Oferta de Amor (Soneto).....	20
Único Salvador.....	21
O Poeta e a Perfumista.....	22
Angeli Rose	23
Mulher da vida.....	24
Café com Poesia	25
A rua de Anita.....	28
Antonio Orlando Nomeriano.....	31
Mana Madre do Carmo	32
Vossa Excelência, o Vírus.....	35
Ariane de Medeiros Pereira.....	39
Os indivíduos do sertão em meio a uma pandemia	40
Carmen Maria Maciel Jara.....	47
Uma Maria.....	48
Silêncio áfono	50

Realizando um sonho	51
A espera.....	53
O encontro.....	55
O Rouxinol e a Rosa	57
Consuelo Pagani	59
Cintilando estrelas e criando o verbo amar	60
O milagre do lenço branco	62
Gercimar Martins.....	67
A Literatura Fortalece Caminhos	68
Literatura	70
Versos que o tempo não pode apagar	71
Viajar sem pressa de voltar	72
A Arte de um Legado Deixar	73
Várias datas a Comemorar	74
O que te motiva a não parar?.....	75
A melhor inspiração para acreditar	76
Hamilton de Jesus Miranda	77
Paz e proteção aos indefesos	78
Cicatrizes.....	79
Entre palavras.....	80
Ser de luz	81
Partilha	82
Arte poética.....	83
Momentos	84
Jesus.....	85

Mãe Santíssima.....	86
Josefa Lizete.....	87
Noite de luar.....	88
Campos e colinas.....	89
Ramo das Araras.....	90
Meu pedacinho de chão.....	91
Saudade da minha infância.....	93
O brilho de uma estrela.....	95
O talento.....	96
Maria Benedita Gomes.....	97
A Cura.....	98
Adão e os seus.....	99
Além do universo.....	101
Amor é Magia.....	102
Caminhos diversos.....	103
Canção da alma.....	104
Lamento.....	105
Meu esposo.....	106
Meu Pai.....	107
Quero viver.....	108
Maura Luza Frazão.....	109
Minha essência.....	110
Poeticidade latente.....	112
Sonhos de outono.....	113
Anseios primaveris.....	114

Idílicos acordes	115
O meu amor.....	117
Mary Pinheiro	119
Superação	120
Fios de prata	122
Loucura, saúde da alma.....	123
Mira Neves.....	125
Sexta-Feira	126
Nanda Araújo.....	133
Sobre ser forte	134
Aprenda	135
Saiba valorizar quem te valoriza.....	136
A gente se cansa	137
Para longe de nós toda a negatividade	138
A escolha está em suas mãos	139
Recomece sempre que necessário	140
Sobre maturidade.....	141
Aprendizados de vida	142
Nauza Luza Martins	143
Lua de Vênus	144
Naquela noite descobri o amor	145
Serenata de amor	146
Beijos com sabor de sedução	147
Esperando por ti	148
A magia dos livros.....	149

Cartas de adeus	150
Gratidão pela vida	151
Minha alma cigana	152
Neli Fonseca.....	153
A criança que há em mim	154
A vida é um amontoado de coisas.....	155
Coração, alma, poesia.....	157
Paulo Roberto Silva.....	158
Poder de resistir	159
Afangando almas	160
Segredos da felicidade.....	161
Não te largo nunca mais.....	162
Frutos maravilhosos	163
Paladar.....	164
Liquidida tudo.....	165
Gente que faz	166
Chão de amor	167
Prema Shakti.....	168
A vida é uma prece	169
Decisão da Tua Descida	170
Divino Cocheiro	171
Espectro Fotômetro.....	172
Filosofia.....	173
Introvisão Aguda.....	174
Movimento de Libertação	175

Solo	176
Transcender	177
Roberto Amorim	178
Viagem de coragem	179
Mergulho	180
Dia dos Namorados	182
A raposa e o leão escritor	183
Rose Show	185
Saudade	186
Liberdade noturna	187
Meu tesão	188
Reconstrução	189
Amor	190
Prazer	191
Aos homens	192
Pura paixão	193
Entrega	194
Valéria Pizauro	195
Rede de rezas	196
Três destinos	197
Partes	198
Tempo fugaz	199
Teu todo	200
Semeadura	201
Desenredo	202

Malabaristas	203
Plurais	204
Lucivânia de Araújo Sarges	205
Nosso Álbum.....	206
Musa	207
Miragem	208
Moça	209
Campestre	210
Viagem.....	211
Monalisa	212
Sonhando.....	214
Adoce a Alma.....	215
Carmim	216



André Luiz Martins de Almeida

- André Luiz Martins de Almeida, Nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, Mora em Queimados desde a infância, mas já morou em Nova Iguaçu e outro Estado como Rio grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na Escola Estadual Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente.

Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - poetize 2016 da Editora Vivara Nacional, vindo a participar de outros concursos nacionais em 2016. Está na Reserva da MB, membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro livro autoral completo “Antologia Poética -Aspirações de um Discípulo” pela Drago Editorial em 2019.

Violência ou Preconceito

André Luiz Martins de Almeida

Me peguei num questionamento,
Sem entender como cheguei neste lamento.
Ah! Sim, vi na TV relatos de violência e preconceito.

Minha cidade com muitos casos em andamento.
Não é comum eu me prender neste conceito.
Será que podemos conviver neste concerto?
Será a violência ou preconceito, carrascos do momento?

Não saio, não vou e não ando por aí, isto é medo?
No bairro, comunidade ou cidade, seja tarde ou cedo.
Quero sair do casulo e me divertir!
Quero destes temas da vida divergir!

Se me afasto dos caminhos é por causa da violência.
Se me escondo em meu mundo é por causa do preconceito.
Porém, com violência ou preconceito não deixes de
aproveitar, este mundo, que para ti foi feito!

Canto do Verde

André Luiz Martins de Almeida

Era Fuzileiro, da Marinha um soldado em terra!
Embarquei, praias conquistei sem guerra!
Minha família salvguardei completa.
Esposa, filhos, netos e amigos, uma casa repleta!

Adquirimos um terreno bem distante.
Adentramos Queimados numa estrada constante
Barrenta e deserta, a Estrada do Rio D' Ouro,
Um local de sítios e fazendas longe do futuro...

Não foi o que muitos de nós queríamos!
Mas estava nos planos, de DEUS, o que ali faríamos?
Foi na luta e perseverança!
Foi no **“Canto do Verde”** que depositamos a esperança!

Um local que preserva a natureza,
A paz de espírito, o silêncio, restaura a pureza
Do ser, a harmonia entre o homem e o ambiente.

Um recanto colorido e contente
Ficam seus visitantes, neste cenário
De bosque e cachoeira, um canto de verde como plenário!

Recordações e Lembranças (Soneto)

André Luiz Martins de Almeida

Nossas vidas não são passados frustrantes.
Adquirimos nelas experiências constantes.
Nossas vidas não são apenas um banner de fotos coladas,
Nem um mural com bonecos de pessoas caladas.

De tudo guardamos recordações e lembranças,
Até mesmo de coisas que nos fazem cobranças,
Enraízam sentimentos, que guardamos como heranças.

O Senhor Jesus nos recorda e lembra:
Os campos estão prontos
[para colher!
O homem deixou livre para escolher.
Entre céu e inferno, o que vais querer ?

“Recordações e Lembranças” vividos para JESUS
intensamente
Reunidos em nosso mural e banner intencionalmente,
Por amigos e irmãos em Cristo comovidamente.
“Retornem aos campos do sul” dizem repetidamente.

Até que Ele Venha **André Luiz Martins de Almeida**

Vou encerrar estes versos e descansar.
Nem imagino o impacto que irão causar!
Prossigo neste caminho, pois estão a me encantar.
Contudo, quando parar, venham o resultado dele me contar!

Não paro simplesmente por me cansar,
Mas para outros talentos despertar.
O sorrateiro mal está a me espreitar.
Os Meus por ele estão a se influenciar.

Iremos resistir com JESUS até sua volta ?
Pregaremos JESUS mesmo contra o mundo e sua revolta ?
Prepararemos o caminho para sua volta,
Sempre que tivermos sua escolta.

“Até que Ele venha” ... Estes versos tocarão alguém?
Serão poemas que não escandalizam ninguém?
Seu possível poder de converter, a JESUS convém,
Pois este poder de inspiração pode dar a ti também!

Nota: (1) (“Leve Esperança Até que Ele Venha” – Tema de Missões Mundiais da CBB -Março de 2017.)

Joia Preciosa

André Luiz Martins de Almeida

Por quê somos para o Senhor tão especiais?
Somos todos diferentes e desiguais!
Cheios de pecados e males mortais,
Quando Dele nos afastamos, por desejos carnavais.

Sois para o Senhor joia preciosa!
Pois Ele próprio veio em resgate,
Foi o próprio sacrifício em abate
De cruz, para dar-te vida audaciosa!

Sois a família herdeira e separada.
O senhor deseja que esteja preparada!
Pois a família é a joia preciosa projetada,
Que um amor sublime a ela foi declarada!

Resgata Senhor, as famílias pecaminosas!
Que se afastaram da sua proteção,
Andam em trevas e são ociosas.
Queremos ser joia preciosa da tua atenção!

Salmos Poéticos (Soneto)

André Luiz Martins de Almeida

Confesso que o Espírito Santo que me impele a escrever.
No momento que vem a inspiração, não tem como
descrever.

Mesmo diferentes da Bíblia, estes são meus salmos
poéticos!

Deverão louvar e bendizer ao Senhor, sérios e éticos.

Ensinam que o Pai nos ama verdadeiramente,
Pois enviou o seu Filho, Jesus, que morreu pacificamente,
Como sacrifício, para remissão dos pecados da humanidade.
Treinou discípulos, ressuscitou, cumpriu toda lei e sua
legalidade.

“Louvemos ao nome santo do Senhor!

Exaltemos e adoremos a Jesus, o Salvador!

Glorifique ao único digno de honra, o Redentor!”

Adoremos a DEUS com salmos éticos!

São canções em versos, chamados salmos poéticos!

Que honram a DEUS, mesmo diferentes em pontos
estéticos!

Oferta de Amor (Soneto)

André Luiz Martins de Almeida

Abra Senhor, meus olhos com visões espirituais!
Que eu possa discernir a tua palavra dos conceitos atuais.
Enxergar tudo que colocas dentro do coração,
Para que eu oferte a ti com gratidão!

Separe sua oferta do melhor, que te abençoou!
As primícias do que produzes, retornam para aquele que te
amou,
Que o seu sacrifício, como oferta de amor te alcançou!

Oferta de amor, paz e perdão!
Ofereça a Deus a sua vida e conversão.
Ensine a obedecer e seguir o seu **pendão**, (1)
Afastando o pecado e toda **perversão**! (2)

O que Ele pode dar de retorno?
Ele quer gratidão e não **suborno**! (3)
Da sua oferta, vem a benção, sem **estorno**! (4)

(André Luiz Martins de Almeida – 19/12/2018-
Queimados/RJ)

Nota: (1) **Pendão** : Bandeira; (2) **Perversão** : Maldade
discriminada extrema, ou também com abuso sexual; (3)
Suborno: Ato ou ação de oferecer dinheiro em troca de favor;
(4) **Estorno**: Processo contábil de devolução de crédito por
desistência de compra. (**Provérbios 3:9,10**)

Único Salvador

André Luiz Martins de Almeida

O melhor, vem do Senhor!
Por isso, Jesus foi escolhido para ser o Salvador.
Foi o sacrifício pelo preço de uma vida de valor.

Tornou-se o único que pode salvar o pecador.
Resgatar a todos das mãos do tentador.
Comprar a sua dívida, por favor.

Nosso DEUS se ira com a infidelidade.
Afasto-se dos ídolos e da falsidade,
Dos falsos deuses e sacrifício da cidade.

Aproxime-se dos que buscam a verdade,
Que cultuam o nome do Senhor com liberdade.
Seus ensinamentos não são cheios de complexidade.

Não queira saber e afaste-se de outros altares.
Coloque nos lábios o nome do único Salvador para
louvares.
Seja agradecido a DEUS, quando o exaltares.

(André Luiz Martins de Almeida – 29/01/2019- Queimados/RJ)

Nota: (Efésios 4:5) – (Marcos 12:29)

O Poeta e a Perfumista

André Luiz Martins de Almeida

Esta é a **Estória** real onde tudo, não é mera coincidência.
Personagens locais e enredo possuem evidência,
Existem **histórias** que possuem correspondência.
Uma Estória como a nossa, não possui concorrência!

Cada literatura possui o seu mérito comercial,
Não podemos julgar, pois cada uma é especial,
Mesmo que não seja escrita, será oficial.

A **Estória do Poeta e a Perfumista** neste casal mais
encanta,
Pois se aprofundarão na realidade, como um sonho que
acalanta,
Ou que se transforma em uma **Épopeia** que se canta!

Falta um músico ousado transformá-la em melodia.
Por favor, não transformem uma linda estória em nostalgia!
Que sejamos agraciados com poemas perfumados todo o
dia!



Angeli Rose

Angeli Rose é carioca, mãe de Thiago Krause, professora há mais de 25 anos, geminiana; autora de “***Biografia não autorizada de uma mulher Pancada***”, livro solo e impresso, infanto-juvenil, entre outras produções autorais, como dois e-books técnico-científicos da editora Atena: ***Reflexões sobre experiências de Leitura e algumas contribuições do mito de Don Juan***; e ***Jornalismo Cultural: um exercício de Valor***. Tem coautoria em várias antologias nacionais e internacionais; autora de artigos em periódicos acadêmicos; membro de Conselhos editoriais, de academia de letras ,Artes e Ciências. Recebeu diversos prêmios e títulos honoríficos. É fundadora e coordenadora do Coletivo Mulheres Artistas. PhD em Educação (UFRJ) e hoje realiza o segundo pós-doutoramento em Letras na centenária UFRJ. *Multi D.h.C.* em Educação, Literatura e Belas Artes.. <http://lattes.cnpq.br/4872899612204008>
@angeliroseescritora

Mulher da vida

Angeli Rose

Sou mulher da vida
Estou na vida
Sou pela vida!

Dona de minha vida
E luto pela vida
A vida de toda mulher
em vida
Antes que passe pela vida
Sem vida qualquer mulher
Sem experimentar a vida.

Sou mulher, da vida, amante.
E rechaço todo aquele
que tira a vida militante
Ainda mais de uma mulher
de intensa garra provida

Seja mulher da vida
como outras cheias de luz
mulheres plenas, assenhoradas
e prima-dona de sua vida

- Vida minha, por quê?
Quer ter a minha vida nua
se a tua sina é ser esta vida tua?

Sê mulher da tua vida!

Café com Poesia

Angeli Rose

Ela estendeu o braço longo e fino para pegar a xícara de porcelana da bebida quente sobre o balcão de vidro. Por trás dele, uma balconista agitada e atarefada, jovem, porém ágil. Havia feito o pedido fazia algum tempo. Evitara demonstrar impaciência na espera - às vezes funciona mais do que insistir em repetir o pedido ou olhar com irritação como reclamante, pensara.

Momentos antes ele a admirara como se contemplasse uma obra de arte clássica, daquelas que carregam a beleza há séculos sem que qualquer intempérie a abale, como a de um crítico mordaz no ataque sobre algum aspecto estético irrelevante. Tinha o hábito de tomar café tarde adentro naquela delicatessen. Era tímido, mas se virava bem nas horas em que permanecia sentado, consultando o celular, lendo o livro da semana e fazendo anotações no moleskine em uso. Certos dias dava-se ao luxo de tomar um único café de grão forte com a especiaria recomendada pelo dono do estabelecimento, um barista discreto, elegante, que em não conseguindo ser cantor de ópera, decidira dedicar-se a servir cafés com o requinte de explicar aos clientes o cultivo de grãos, procedências, notas, misturas possíveis, etc.

Nosso escritor era um homem comum, sem grandes atrativos e singularidades, no entanto, o fato de ter este ofício, quando encontrava com alguma deslumbrada leitora, intelectual de última hora, ganhava aparência de aristocrata aos olhos curiosos e seduzidos. A erudição do proprietário da casa comercial, o barítono, digo, o barista, formava uma parceria estimulante com o letrado, afinal, ambos podiam

trocar entre si curiosidades sobre mundos desconhecidos para um e outro.

A alguns passos dele, estava ela, a cliente no balcão, que não o tinha notado. Estivera ocupada com a espera do seu pedido, uma xícara média de café macchiato. Mas notava-se em seu semblante, talvez, uma tensão sobre a espera, não do pedido recente, e, sim, de outra natureza. Espera de que a vida lhe compensasse com um novo afeto grandioso, único, de barrar vozes indesejáveis. Um amor hiperbólico com cenas de salvamento, confidências eloquentes e beijos tórridos, dignos de novelão mexicano. Em realidade, acho que me deixei contaminar por seu desespero. Não era sua feição que sugeria uma intensa espera. Era o olhar acentuado, pontuado pela dor da perda, amargo como um bom café. (Como eu sabia? Ora, leitor, é para isso que o narrador existe, para ir atrás de pistas ou indícios que lhe são imputados na escritura deslizante do dono da história, o senhor autor.). Então, aqueles minutos no aguardo para ela guardavam cheiro de tocaia. Aroma de medo de nova decepção e fracasso emocional por vir, o que fora suficiente para em um momento antes de se apossar do café dar uma rápida espiada no salão pequeno da loja em busca de nada, apenas a conferir, quem sabe, que estaria no lugar certo.

Havia um pouco de burburinho no ambiente, próprio desse tipo de lugar frequentado por pessoas que falam baixo, gesticulam pouco e devagar. Quando num instante... E estava. A xícara deslizou entre os dedos e foi ao chão aos cacos, tal qual o coração camuflado de Laura sob a seda com poás estava. Abalada, a mulher desejada fitou a balconista por demorados segundos, deu um passo atrás, baixou os olhos, desceu ao piso e ficou ali agachada chorando. O gesto inusitado, grotesco até, como um ácido corroeu a sensatez rala da agora sôfrega mulher.

Coleção Versejar de Literatura

Na mesa próxima, colada ao vidro que dava pra ver a rua e os transeuntes, o poeta, desastrado, se perdeu entre os objetos da mesa, esbarrou no caderninho que caiu sobre os pés e atrapalhado tomou um guardanapo e uma caneta, - esquecera a importância de realizar o desejo em carne e osso – para no ato transformar a desconhecida em mais um objeto da transpiração da linguagem. Nos transbordamentos de palavras, entregou-se ao café com poesia.

A rua de Anita

Angeli Rose

Morávamos em Vila Isabel, terra de Noel (Rosa), como a rima sempre pede. Eu contava 10 anos e meu irmão mais velho, 12 anos, talvez. A nossa rua era íngreme e de paralelepípedo. O nome fora dado em homenagem ao músico Luís Barbosa, artista radiofônico doas anos 30, o primeiro a fazer do chapéu um pandeiro. Aliás, sob essa curiosidade de menina que essa crônica é movida.

Minha mãe ganhara de meu pai um apartamento em Copacabana. E como é próprio dela, ao estilo da piada “O gato subiu no telhado...”, começou a contar alguns detalhes sobre a possibilidade de mudarmos de bairro e partirmos para o outro lado da cidade, a zona Sul. Ao longo do dia, dava notícias sobre o novo apê, sonho de toda a classe média em ascensão. Copacabana era o centro das atenções, como “princesinha do mar”. A rua do apartamento, futura morada da família, era Anita Garibaldi. E me intrigou o nome ser de mulher. Até então eu conhecia, ou melhor, o que mais eu prestava atenção era que muitos nomes de ruas nos bairros porque circulava eram de homens, santos ou santas, ou numerais de datas importantes para alguém. A mais óbvia, acho que todos sabem, é a avenida, ou boulevard, “28 de Setembro” que recebeu esse nome em homenagem ao dia de 1871, quando a Lei do Ventre Livre foi assinada. E a rua de Anita?

Então, foi naquele momento de revelação do nome da rua que a menina em mim ficou encucada. Depois, manteve-se encafifada achando que havia uma história a desbravar sobre aquela mulher do nome. E foi o que fiz. Naquela semana fui direto perguntar à professora quem tinha sido Anita Garibaldi. A ela dei a deixa e propôs-me o

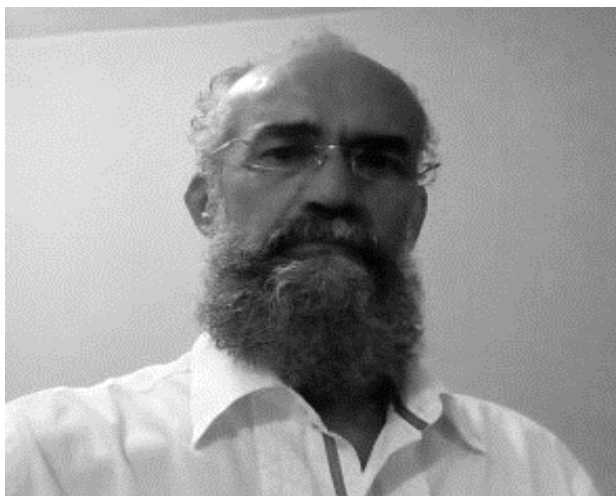
desafio de pesquisar sobre o nome e a personagem histórica. Em seguida, aproveitou para fazer o mesmo com a turma. Estávamos todos com um dever de casa por causa da Rua Anita Garibaldi. Às vezes, o professor não tem ideia dos problemas que pode criar entre alunos por causa de uma “boa ideia”. Nós, crianças, ou já pré-adolescentes, como agora identificamos a faixa etária em que me encontrava, queremos atividades mais lúdicas e divertidas, aprender acaba sendo o plano B da socialização na escola. Sentia assim o tempo passado.

Aprendi sobre Anita Garibaldi. Aprendi mais sobre a cidade em que moro, o Rio de Janeiro. Aprendi sobre mulheres que lutam por seus ideais. Conteí para a minha mãe sobre quem fora Anita Garibaldi. Conversei na escola sobre a guerreira de botas longas que nascera em Laguna, cidade de Santa Catarina. A mesma que lutou e esteve envolvida com a Guerra dos Farrapos. Aquela que resistira ao lado do marido por anos em prol da liberdade. As enciclopédias consultadas referiam-se a ela, Anita, como a guerreira de episódios fortes, para a biografia de uma mulher em sua época (1821-1849). Recordo ainda que me impactou ter lido em algum livro que a guerreira e heroína brasileira casou-se duas vezes, chegando a fugir com o segundo marido, por saber da contrariedade de seus pais à paixão que lhe consumia por Giuseppe, o italiano que ganhou seu coração, fazendo-a largar o sapateiro, primeiro marido.

E a Rua de Anita em Copacabana? Fomos para lá por poucos meses. A mim e ao meu irmão, não nos atraía a possibilidade de mudar de escola. Os critérios infanto-juvenis nem sempre foram próximos dos crivos adultos. E daqueles poucos meses em que experimentamos o bairro da praia, durante as férias escolares, tenho apenas uma forte memória: Um dos agentes do Dops sair do apartamento ao lado nas madrugadas para caçar comunistas. Muito tempo

Volume 1

depois compreendi o exemplo de Anita Garibaldi com sua força e exemplo de determinação, principalmente, na luta por liberdade e a condição da mulher através da história.



Antonio Orlando Nomeriano

Antonio Orlando Nomeriano é poeta, escritor e romancista; nascido em 08 de março de 1959, no município de Afogados da Ingazeira, estado de Pernambuco, filho de Marina Tereza dos Santos Fonseca e Nomeriano Alves da Fonseca; é formado em Administração, Contabilidade e Direito. Sua respeitada história de vida e trabalho é consolidada e reconhecida, tendo sido agraciado com o título de “Advogado Prata da Casa” pela OAB/RJ, Subseção de Queimados. Tem ocupado vários cargos públicos na Região da Baixada Fluminense, inclusive em Queimados, onde foi merecidamente homenageado com a Medalha Professor Darci Ribeiro, gracioso e honrado título concebido pela Câmara Municipal de Vereadores às pessoas e instituições que se destacaram em suas atividades. Nomeriano é autor dos livros de poemas “Ora” (independente, 1913) e “...Deixa Lhe Dizer Uma Coisa...” (Drago Editorial). É autor do surpreendente drama de ficção “Bougainvillea”, romance de narração impecável publicado pela Chiado Editora.

Mana Madre do Carmo

Antonio Orlando Nomeriano

Acontece, que eu já tinha ido a tudo quanto é médico; claro que, ‘tudo quanto é médico’, é força de expressão, mas não é de tudo exagero. Na verdade, eu fui em uma UPA próxima de minha moradia, e, depois de algum desenrolo, anotações, aferimento de pressão, espera agonizante, etc., fui atendido por uma estagiária médica, assim digo, porque depois, ao final da consulta um médico chegou à porta e perguntou a colega ‘se estava tudo bem’, a colega respondeu que sim, pergunta retórica resposta retórica. Claro, você deve estar pensando nisso, e é claro que eu estou com um forte ímpeto de tecer inúmeras críticas à maneira como a médica me atendeu ou como deixou de me atender; não vou fazer isso, sei que as ações ou omissões da doutora, que me consultou de longe, que não me ouviu, que negou tirar um Raio X, dizendo que estava quebrado o aparelho do posto médico, que apenas me passou um analgésico, que agiu sem empatia... ..bem, suporte pensar que tudo isto, não teve razões pessoais, e ela não é culpada, isoladamente, pela falta de estrutura da unidade médica e ou por sua falta de saber.

Não fiquei por aí, apenas afeto à falta de atenção e amor ao próximo experimentado na Unidade médica, decidi ir no Centro de Atendimento de Hipertensão e Diabetes. Chegando lá, informei do ocorrido, repeti a atendente que não vinha me sentindo bem e daí perguntei sobre a possibilidade de ser consultado por um cardiologista?! A atendente disse que eu deveria levar o cartão do SUS, comprovante de residência, documentos pessoais e o pedido do médico; meu desânimo era visível, tenho certeza, mas a atendente não parecia satisfeita, completou: ‘o senhor, trazendo todos os documentos, fazemos o agendamento da

consulta, que deverá ocorrer entre quinze ou vinte dias, mais ou menos’.

Respirei fundo, olhei para o teto, desenhado por tubos e conduítes de diversas bitolas, expostos na sala de atendimento do prédio hospitalar, passei as mãos no rosto, com os olhos entre abertos, imaginei a atendente estatelada no chão com os olhos arregalados e as pernas para o alto – a cadeira em que estava sentada havia quebrado e a derrubado no chão pouco asseado - isso não aconteceu, agradei e saí.

Livre dos maus pensamentos e fora do prédio avistei ao longo do pátio o setor de atenção a COVID 19, pensei em procurar atendimento, fazer um teste de COVID, já que estava com dor e respiração ofegante, logo percebi umas pessoas discutindo e falando aos gritos: ‘alguém chama a segurança!’, os pensamentos ruins voltaram, tive vontade de entrar na briga também; desisti, afinal eu já estava doente o bastante.

Estava decidido, iria procurar um médico no vasto mercado da medicina, desta feita, no setor privado. Antes, porém, passaria na casa da mana Madre do Carmo, além de estar devendo-lhe um a visita, sei de suas habilidades em questões de aconselhamentos e cuidados medicinas.

Assim foi, e depois dos cumprimentos e trocas de afetos, passei a dizer-lhe de minha chaga, de meu perambular e de meus desapontamentos com tudo, inquietações, dificuldades para dormir, dores no corpo, irritação e etc., eu estava mesmo mau. Madre do Carmo, depois de me ouvir como uma verdadeira médica humana, disse-me que já sabia o que eu tinha e, enquanto conversava comigo, despejava e selecionava o conteúdo abundante de um bernal em cima da mesa, eram remédios, e, após uns vinte minutos despejando e separando os fármacos, cravou: ‘sei o que é, você está estressado e entrando em depressão’,

disse com dramaturgia e o lirismo que a vida requer; daí, pegou uns poucos comprimidos, passou para mim dizendo: ‘...tome de noite, parta um no meio, ticket (fez som onomatopaico do quebrar o comprimido), meiozinho e engula, glub (fez o som do engolir água); é só para ajudar a dormir’... ..tome estes aqui ao acordar, mesmo antes do café, são vitaminas, são poucos, compre uma caixa quando esses acabarem e tome por uns trinta dias... ..tome este, também pela manhã, tome só por uma semana, é antidepressivo, você vai ficar bom!’. Nessa hora, observei um outro bernal, um pouco menor, no canto da mesa, perguntei o que tinha; disse que era destinado às suas receitas; não se aventou a mostrar-me as tais receitas e eu não quis saber mais.

Depois de ouvir tudo atento e confiante todas as recomendações, guardei os remédios bastante esperançado; e, ficamos conversando por mais de uma hora. Ao despedir-me, confirmei que seguiria o recomendado, além de tudo o mais.

Bem gente, passados alguns dias, devo dizer que estou muito bem. Voltei a escrever e resolvi contar aqui, dessa minha experiência e digo mais, enquanto escrevia parei diversas vezes para rir, repito, parei para rir, o que não é fácil nos dias de hoje; creio que esteja realmente bem, bem comigo mesmo, com os meus amigos e familiares e confiante, mesmo que minimamente, no futuro da humanidade.

Antonio Orlando Nomeriano

Vossa Excelência, o Vírus

Antonio Orlando Nomeriano

Olhe, eu poderia contar sobre várias coisas que têm acontecido comigo nesse tempo de pandemia. Contudo, se eu tenho tempo e gosto pela fadiga, não posso impor o mesmo aos amigos leitores; irei, portanto, ater-me a minha interação mais direta com Sua Excelência o Vírus, por força da minha primeira dose do imunizante.

Muito bem. Primeiramente, devo dizer por que chamo o Vírus de Sua Excelência; assim faço porque é fato, o vírus é um fato; daí, sua excelência... Têm os que dizem que o COVID 19 foi criado em laboratório, outros mais afoitos arriscam dizer até onde foi criado Sua Excelência, eu não sei tanto, mas sei que foi criação humana, e o foi criado, pelo nosso descaso com nós mesmos e para com as sociedades.

Esse Vírus foi criado pela nossa escolha ao mal feito, pelo desamor às pessoas, pelo desprezo ao trabalho jogado ao mar do fracasso por ganância e dinheiro fácil; por escolhermos o caminho da esperteza em detrimento da ética, por não ligarmos em entender se a humanidade futura vem sendo fluida no éter e preferirmos o retrocesso do mito, da mentira, da desinformação, abrasado por nossa intolerância ignorante.

Adoramos palácios e palacianos, nos descuidamos do templo da alma, nosso corpo, sujamos o que é limpo e poluímos o habite da vida, desprezamos a arte e assim, sequer deixamos registro de nossa presença no mundo, como legado às sociedades futuras.

Veja, o futuro é a maior das artes, digo a mim mesmo, artista sem futuro; visto que só se justifica, o futuro, para as sociedades, para o coletivo. Penso que se o quisermos, o futuro, devemos construí-lo com arte, e assim, para todos.

Há muito já nos foi ensinado, que viver bem é viver por amor e viver por amor é viver para o outro... ...em tempos distantes isso foi dito, dito ainda tão de nós distante.

Chegou o dia, ufa! Me associo aqui, ao ansioso leitor. Veio o dia de tomar a primeira dose da vacina contra o COVID 19, com coragem parti faceiro, fui sozinho dirigindo, fiquei na fila de carros, chamada pelos mais letrados de drive thru.

Faceiro fui, cheguei, esperei minha vez e, faceiro tomei a vacina; só não fiz autorretrato, selfie, para os mais antenados, seria demais, diante de minha timidez.

Pois bem, antes de mais nada, devo dizer que os elogios veiculados nas redes sociais aos profissionais da saúde são legítimos, e aqui, me junto a todos eles, parabenizando os guerreiros e guerreiras do fronte entrincheirado da saúde pública e privada. Certo é, que saí do posto de vacinação como cheguei, muito bem; passei no mercado, conversei com amigos e ao chegar em casa passei-me às tarefas urgentes que já me aguardavam.

Coisa chata... Sei; o prezado leitor deve estar esperando algo que realmente valha a pena ler, uma tragédia, um mal feito inesperado qualquer; certo, não vou pretendo desapontar meus prezados.

De quatro e meia para cinco horas da tarde daquele dia, comecei a sentir dores nos dedos dos pés e mãos e não demorou muito para que eu estivesse com dor no corpo todo. Pense numa parte do corpo humano... ...estava doendo em mim. Daí pensei, 'dorzinha no braço da aplicação da vacina, tudo bem, mas, doer desse jeito e doer o corpo todo!? Era algo que me pareceu errado.

Comecei me amofinar mais pro interior de minha casa, já andando com certa dificuldade... Pensem... Pensaram certo, não parou por aí; começaram os tremores; tremia, tremia como que estivesse com febre sem estar com febre,

minhas vistas ardiam e os dedos formigavam, fui para o meu quarto, tinha que me deitar. Antes, porém, resolvi tomar um banho quente, ‘talvez fosse bom’, pensei. Com muita dificuldade, tirei a roupa e tive uma visão do inferno, parecia uma vareta ardendo a retorcesse. Liguei o chuveiro e decidi ficar no banho quente até o banheiro ficar vaporado feito sauna, e assim fiz.

Passado o tempo e não passado mais nada de tudo que sentia, me sequei desastrosamente, vesti um moletom enxovalhado, duas camisas, uma blusa de frio, calcei e vestí meias, não tinha luvas disponíveis, me arrastei para a cama e me cobri com cobertores. Procurei me acalmar, exercitei uma respiração mais compassada; as dores seguiam, os tremores continuavam e uma ânsia de vômito, parecia querer fazer parte da tortura a infringir-me.

Bem, nessas horas a gente tem que chamar a mulher. Chamei minha mulher, ela veio de pronto, segundo ela, achei que foi demorado... Disse, então, para que ela levantasse o cobertor e observasse minhas pernas: ‘veja se ainda tenho as pernas ou se já são rabo!? Penso que estou virando jacaré! Minha mulher me olhou, arrumou o cobertor, botou a mão na minha testa, dizendo: ‘vou pegar o termômetro para aferir a sua pressão’; o que confirmou apenas, que eu não tinha febre.

Procurei dormir um pouco, foi inútil, e, quando a gente se vê só, tem que chamar a mulher. Ela veio ao meu acorro, eu disse pausadamente dolorido a ela que rasgasse o meu cartão de vacinação da primeira dose, para que eu sequer lembrasse de tal desgraça e muito menos da pestilenta segunda dose. ‘Deixa de ser bobo, você sempre foi a favor da vacina; vou trazer um comprimido para dor e febre, você deve estar delirando, já volto’.

Tomei o comprimido, a dor de cabeça parecia diminuir, comecei a suar, tirei a toca e as meias das mãos;

durou pouco, logo voltei a ter os tremores e as dores nas juntas eram de lascar. E não ficou só nisso, sabemos, uma desgraça não vem só, estava com vontade de mijar. Putz grila, tentei esquecer, ‘talvez possa segurar até melhorar um pouco’, pensei. Mas, a cada tremor, a urina chegava mais perto da uretra... ..nestas horas a gente tem que chamar a mulher, minha mulher veio, parecia cansada, disse a ela que estava com vontade de mijar, ela me indicou o banheiro com o olhar, eu risquei um olho, era perto, realmente, mas eu estava em total desgraça, meu corpo templo de minha alma fora reduzido a coliseu em ruínas. Eu tinha que arriscar, olhei para minha mulher e sugeri dengosamente, que fizesse uns carinhos, nele, para ver se, estimulado, ele esticaria até o banheiro, sem que eu saísse da cama... Minha mulher, ainda olhando para o banheiro disse: ‘tá delirando de novo, vou buscar outro comprimido.’

Claro que eu fui ao banheiro, minha mulher me ajudou como pode, voltei a deitar-me, sem não antes, tomar meio comprimidinho para ajudar a dormir, achei que poderia morrer dormindo, recomendei-me a Santo Antonio, meu xará.

Acordei, já era de manhã, eu estava vivo e bem melhor. Ah! Se você ainda vai tomar a primeira dose da vacina, não se preocupe, se seria para dar alguma reação em você, não vai acontecer, as possíveis reações que ocorreriam em você, e, creio, em mais uns cem iguais, acumularam em um doloroso conluio e deu em mim.

Antonio Orlando Nomeriano



Ariane de Medeiros Pereira

Ariane de Medeiros Pereira é uma vivente do sertão do Seridó, localizado na parte central, do Estado do Rio Grande do Norte. Amante das letras e suas tecituras. Observa seu cotidiano e percebe que existe muito a ser dito daquelas paisagens sertanejas. Tem sua formação na área das ciências humanas, transita pelo ofício do historiador, e em dados momentos, passeia pelas notas poéticas, ensaístas e o mundo dos contos e crônicas. Amante de tudo que possui vida e cor naquelas plagas sertanejas.

Os indivíduos do sertão em meio a uma pandemia: resistência e divergência

Ariane de Medeiros Pereira

No transcorrer da primeira metade do século XXI vivia nos sertões, do Estado Rio Grande Norte, uma sociedade na qual se considerava moderna e atuante com os símbolos da modernidade. Em um dia o sinal da internet falhasse era uma zorra na casa da senhora Efigênia que ficava o dia emburrada. Ela passava os minutos ao lado do seu novíssimo celular esperando que o sinal do seu aparelho retornasse e a mesma pudesse voltar as conversas com sua amiga.

Efigênia era uma senhora que não vivia no espaço da zona urbana, ao contrário, era morava na zona rural dos sertões norte-rio-grandense. Adorava a vida no campo, mas não desprezava os símbolos da modernidade e o que estes podiam te ofertar. Gostava de se informar do que estava acontecendo em seu município e no mundo para que, desse modo, emanasse seu ponto de vista aos demais em sua localidade.

Dona Efigênia era uma mulher forte em suas opiniões e não deixava se abater diante de opiniões contrárias as suas ideias e seus ideias. Defendia seu ponto de vista a todo custo e se fosse possível, ainda, entrava em uma encrenca que dali não tirava seu pé. Era uma mulher ousada, decidida e em dados momentos, autoritária. Mas, todos na comunidade respeitava sua forma de perceber a vida.

Os dias transcorriam como era de costume, dona Efigênia cuidava de seus afazeres domésticos, reclamava dos descuidos de seu marido e se preocupava em manter tudo organizado e planejado. Talvez, isso se deve a seu antigo emprego de gerente em um grande supermercado.

Agora estava aposentada e não deseja voltar aos agitos da cidade e nem a trabalhar como empregada em outro estabelecimento. A vida agora era para ser aproveitada, mesmo que divergindo em pensamento com suas amigas, com as quais, conversava diariamente pelas redes sociais.

Não havia barreiras para deter a distância entre as amigas que não moravam mais naquela antiga comunidade rural. Ambas se reuniam diariamente pelo que a tecnologia havia proporcionado. Tudo caminhava sem alteração, quando a senhora Efigênia passou a perceber que os noticiários informavam sobre uma nova doença que surgia e que era letal aos seres humanos. A mesma passou a se preocupar e buscar novas informações. Ela precisava saber o que aquela bactéria poderia causar aos seres humanos e principalmente, necessitava informar a seus vizinhos algum possível foco de contaminação.

Incansavelmente Efigênia passou a ler matérias que traziam informes sobre a tal doença que poderia levar as pessoas a morte, como também, conversava com suas amigas sobre tal situação na qual já se sabia que havia ocorrido em outros municípios da região. Fato que, parecia que as pessoas mais afetadas eram as que estavam em áreas rurais. De modo que, dona Efigênia continuava bastante preocupada em descobrir a causa daquela mazela.

Os dias caminhavam e os noticiários informavam o aumento de casos. Os pesquisadores passavam a suspeitar que provavelmente era uma bactéria que se desenvolvia em água que não recebia tratamento e que era consumida pela população em seu estado primeiro. De modo que, dona Efigênia começou a perceber uma luz em meio ao problema e passou a conversar com seus vizinhos para que aqueles pudessem fazer um tratamento prévio da água antes de iniciar o consumo. Todavia, os vizinhos apenas faziam pouco caso das informações repassadas pela vizinha.

Algumas pessoas passaram a apresentar sintomas na comunidade de dona Efigênia e cada dia mais, ela continuava preocupada. Resolveu de pronto sair visitando seus vizinhos e conversando com eles sobre as pesquisas e os dados descobertos, até então, pelos pesquisadores. Algumas famílias ficavam impressionadas, mas logo em seguida, fazia de conta que a mulher nada os tinham dito. E seguiam consumindo a água sem tratamento. O que ocasionou mais contaminação e mais casos de doenças.

As pessoas da comunidade começaram a perceber que realmente algo estava acontecendo e que, talvez, dona Efigênia tivesse um pouco de razão em suas colocações. A família Olivares passou a ter mais cuidado com a água de beber, passando a filtrá-la e fervê-la antes de consumir. Todavia, esta era uma das poucas famílias que realmente passou a seguir algumas medidas de enfrentamento a doenças. As demais não negavam que algo de errado estava acontecendo, porém não fazia nada para modificar o cenário epidemiológico e melhorar sua condição sanitária.

Dona Efigênia sendo uma atora social ativa em sua comunidade resolveu pedir apoio da associação rural da comunidade para trazer mais informações e convocar uma equipe médica que pudesse orientar melhor seus vizinhos, de modo que, aqueles acreditassem na ameaça eminente que se instalava naquela sociedade. Assim, conversou com o presidente da associação que com desconfiança aceitou a solicitação de Efigênia. Entretanto, deixou claro que ela teria que recorrer a secretaria de saúde do município para trazer a equipe médica, pois ele não iria fazer o pedido. Apenas, marcaria a reunião com os associados.

A mulher de pronto aceitou e começou o seu caminho para conseguir a os agentes de saúde para a palestra. Algo que conseguiu depois de apresentar os argumentos ao secretário de saúde. No dia marcado para o encontro, uma

parcela de setenta e cinco por cento dos associados estavam presentes. O médico, os enfermeiros e a assistente social passaram a informar sobre os perigos da contaminação que a água não tratada pode provocar, não somente pela bactéria que ultimamente estava causando as infecções, mas também, outras doenças não letais que a água não purificada causava.

Os associados ouviram tudo com atenção e começaram a perceber que o que dona Efigênia alegava fazia sentido. A equipe médica de pronto ensinou como eles deveriam fazer o tratamento da água antes de consumi-la, em conjunto, com as medidas de higienizar as mãos sempre que utilizasse o banheiro, bem como, deveria fazer uma boa limpeza dos alimentos. Dona Efigênia ficou satisfeita com a palestra e as orientações, agradeceu a equipe e todos os dias voltava as casas das pessoas para orientá-las e reforçar que era preciso utilizar das normas solicitadas.

Dona Efigênia estava obtendo alguns resultados com sua caminhada em prol da saúde da comunidade, apesar que, alguns ainda permaneciam negligenciado a doença e acreditando que aquelas medidas eram bobagem de uma senhora aposentada que já estava afetada pela idade.

Não tardou muito tempo para que Pedro, filho do senhor Andrade, fosse infectado pela bactéria. Sua família não acreditava que realmente existisse a doença e continuou sem fazer o tratamento da água e muito menos a higienização das mãos e dos alimentos. Pedro a cada dia estava mais debilitados e finalmente, por insistência de Efigênia, os pais resolveram levar ao hospital da cidade. Estando na casa de saúde os médicos detectaram que o rapaz estava infectado pela nova bactéria que se não tivesse um pronto tratamento poderia levar a morte.

O problema era que já havia passado muitos dias e Pedro não tinha recebido um tratamento adequado e, deste

modo, ele teria que ficar internado para que os médicos, talvez, conseguissem salvar sua vida. Ao regressar à comunidade a família Andrade contou a seus vizinhos sobre o ocorrido e o medo se instalou naquele lugarejo, principalmente, pelas famílias que continuavam sem cumprir os protocolos de segurança. Outros casos começaram a surgir e, de pronto, as famílias se encaminhavam ao hospital do município em busca de saúde. Alguns acometidos começaram a obter a cura e os que buscavam tardiamente a ajuda médica apresentava complicações chegando a óbito.

Pedro foi um desses casos que não conseguiu obter o sucesso em seu tratamento e veio a óbito. Sua família ficou inconsolada e se sentia responsabilizada por não ter seguido as orientações médicas e aos apelos de dona Efigênia. Esta última, continuava na batalha para conscientizar e melhorar a vida na comunidade rural. Ao passo que continuava orientando seus vizinhos com as medidas sanitárias, por outro lado, resolveu fazer um projeto com o qual fosse possível fazer uma rede de tratamento de água na comunidade. Desta vez, a associação rural lhes deu todo o apoio e o projeto foi encaminhado as autoridades do município.

Os dias se passavam e os casos de contaminação parecia que apresentava uma diminuição, tendo em vista que, a maior parte das famílias adotaram as medidas de segurança para a saúde. Dona Efigênia continuava sua luta para conseguir uma rede de tratamento para água da comunidade, bem como o saneamento básico. Após, alguns meses o projeto foi aprovado e em seguida, começou a ser posto em prática com a construção da estação de tratamento de água e a rede de saneamento. A comunidade sentia-se feliz e agradecida. Dona Efigênia estava bastante satisfeita, mas já percebia que algumas famílias estavam se

acomodando e não queriam manter as medidas sanitárias. O que deixava a mulher preocupada.

Não demorou muito tempo e outras famílias voltaram a ficarem doentes, considerando que os cuidados haviam sido flexibilizados. Mais uma vez, dona Efigênia convocou a equipe médica para orientá-los que as medidas deveriam ficar em seu cotidiano. Todavia, a comunidade ainda presenciou a partida de alguns membros ao plano celestial. O que causou arrependimento nas famílias que negligenciavam a doença.

Os dias se passaram e, finalmente, a comunidade inaugurou a estação de tratamento de água e o saneamento básico nas casas rurais. A vida parecia que voltaria a transcorrer sem alteração. Dona Efigênia encontrava-se com o sentimento de dever cumprido e sentia-se realizada por poder ter contribuído com sua comunidade. Suas amigas a parabenizavam e diziam que ela era uma mulher porreta que não desistia de seus objetivos. Mas, dona Efigênia já se sentia cansada e percebia que não tinha o mesmo gás de sempre. Era como se suas forças estivessem cessando. Mas, não fugia de uma boa peleja para argumentar seu ponto de vista.

Era um final de tarde quando dona Efigênia se sentiu bastante cansada e resolveu tirar um cochilo para melhorar seu espírito. Mal sabia ela que não acordaria daquele descanso e este seria eterno. Chegou a noite e o marido de Efigênia percebeu que ela não acordava e resolveu busca-la de seu sono, foi quando percebeu que a esposa estava sem vida. Descansando eternamente com um sorriso nos lábios.

O velório e sepultamento de dona Efigênia foi realizado com grande comoção e toda a pompa que ela desejava. Homenagens e memória marcaram aquelas últimas horas de seu corpo terreno. Tudo parecia ter terminado e a comunidade agora teria que caminhar sem sua

Volume 1

ilustre moradora. Foi quando embaixo do sono escutou-se um alarme tocando, era o despertador de dona Efigênia que a chamava para mais um dia de luta e de conscientização aos queridos, difíceis e teimosos vizinhos.

Dona Efigênia acordou com mais sagacidade que nunca, sabendo que deveria fazer mil e uma coisa antes que realmente fosse chamada a habitar outros planos. E pensou no sonho que havia tido aquela noite e resolveu que deveria trabalhar mais por sua comunidade, pleiteando agora por uma escola rural para sua comunidade, tendo em vista que, o que aqueles indivíduos necessitavam era do conhecimento para seu desenvolvimento pleno. Agora, já tinha um novo projeto em mente e seguia sua caminhada rumo ao progresso de sua comunidade rural.



Carmen Maria Maciel Jara

Nascida em 07 de outubro de 1948, na cidade de Pelotas-RS. Viúva. Vive a sublime ventura de ser mãe e avó. Pedagoga, graduada pela Universidade Federal de Pelotas. Pós-graduada em Ensino e Prática Pedagógica na mesma Universidade. Especialista em Educação Especial pela Universidade Católica de Pelotas. Presidente da APAE do município do Capão do Leão; exerce como voluntária suas atividades na instituição. Aposentada, além da dedicação aos netos pequenos, voltou-se à poesia no ano de 2015. Usa com gosto e emoção a junção de letras à compor versos que expressam momentos e emoções. **Publicou:** 20º Antologia Logos - Maio de 2016. Platinum XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XXIII (poesias, 2016) - Bookess Editora. Douce Poésie I, III, V, VII, IX, XI, XIII, XVII (poesias, 2017) – Bookess Editora. Seleccionada: Antologia Sui Generis – Saloios & Caipiras-Portugal - Agosto de 2016 e “O canto do Rouxinol” (poesias, 2016), Fragmentos de Amor e Ainda Canta o Rouxinol (poesias, 2017), obras solo publicada pela Bookess Editora.

Uma Maria

Carmen Maria Maciel Jara

Ela era uma Maria. Uma Maria entre tantas outras. Buscara a coragem para viver com autenticidade. Nem sempre conseguira. Havia enfrentado as dores e dissabores de cabeça erguida. Sem exageros, mas com sensibilidade. Seguiu seu caminho desenredando as armadilhas impostas pela vida. Tropeçara muitas vezes, mas na sua ânsia de viver plenamente, não se permitira cair. Confiava no Divino. Vivia de buscas. Sua fé sempre fora a norteadora dos seus passos. Tivera sempre a consciência de que nem sempre havia acertado em suas escolhas, mas sempre o cuidado de com elas, não prejudicar ninguém. Às vezes até em detrimento de seus próprios interesses.

Vivera momentos de angústia entre as restrições impostas e os sonhos audaciosos de sua alma tão essência. Essência de completude e liberdade. Alma que cantava e almejava voar que nem um bando de rouxinóis. Tinha ela, intenções louváveis, mas nem sempre louvadas. Seu corpo vivera em constante duelo com a sutileza de seu ser etéreo. Ela sofria. Sua alma habitara, de forma sufocante, um corpo que se impregnara de regras e tabus. Adaptara-se ao engessamento hipócrita de uma sociedade cruel.

Ela fora uma Maria escondida. Tão escondida em si, quanto tantas outras Marias que trilharam alamedas sombrias de insatisfações. Embrenhadas em labirintos de ser e não conseguirem romper com as barreiras do não ser, mas ela conseguira manter viva a capacidade de sonhar.

Sem piedade passavam os anos, mas sua alma acolhia, ainda, um universo de sonhos. Maria não conseguia viver somente na materialidade e presa à regras previsíveis. Seu corpo perdera o viço da juventude. As limitações físicas

apontavam à uma realidade que não comungava com os anseios de sua alma. Latente estava em seu coração, uma vibração sublime. Ela não à escolhera, mas à acolhera com profunda e autêntica intensidade. Ela acreditava na força e eternidade do amor. Dele não desistiria. Muitas Marias ela conheceria.

Hoje às vias com piedade. Percebia em seus olhares distantes a sombra da desesperança. Via em seus corpos arqueados, o peso de uma vida sem sentido. Ostentavam máscaras de uma vida bem-sucedida, atrelando à esse sucesso o bem viver financeiro.

Pobres Marias... pensava ela. Não viveram a suprema ventura do amor. E a olhavam como uma Maria pobre. Não enxergavam o tesouro que carregava em seu viver. Vivera o amor em toda plenitude. E agora ele renascia em seu coração.

Maria carregara consigo uma capacidade de amar sem ressalvas, não impunha condições. Suas ilusões tinham uma forma quase corpórea. Sensualmente, quase às tocava. O tempo não conseguira mudar Maria. Havia ainda uma possibilidade dentre as impossibilidades. Mesmo na perspectiva de um crepúsculo, no horizonte brilhava uma fulgurante luz à iluminar o caminho em sua direção. A esperança não à abandonara. Focou o olhar no caminho. Enxergou ali seu sonho acalentado.

Era ele... finalmente caminhando em sua direção. Era ele... o seu José.

Silêncio áfono

Carmen Maria Maciel Jara

O barulho das ondas à envolviam de forma sinistra, pois que sinistros eram seus pensamentos. Não conseguia se entender! Ela... a de coração mole tinha dificuldades em tirar a vida de um inseto pernicioso. Desviava de uma formiga. Tinha profunda admiração por elas. Tão minúsculas e carregavam sobre as costas, folhagens muito maiores que elas. As ondas lambiam-lhe os pés. A areia empurrada pelo vento lhe castigava os olhos, mas o que mais lhe incomodava era aquela ambivalência de sentimentos. Não tinha coragem, mas era inevitável. Precisava matá-lo.

A angústia crescente lhe sufocando o peito. Ali os resíduos doloridos de tantos sonhos transformados em pesadelos. Na garganta, uma secura ardida pela sede de paz. Sim... precisava livrar-se dele. Ele a afastara da tranquilidade que sempre habitara em sua alma. Não havia outro caminho. Ele precisava morrer. Não tinha mais forças de suportar o que ele lhe causara.

Com seu fascínio e fama de poder universal, inspirador das mais românticas histórias foi chegando sutilmente e depois arrebatando sem piedade. Rompeu com todas as resistências. Chegara a hora da coragem. A decisão estava tomada.

Ele, que trazia consigo a fama de finais felizes, estava condenado à um triste fim. Seria morto.

O vento soprava como um lobo uivando. Seu corpo, já molhado da mistura salgada de água e lágrimas, ergueu-se decidido. Doía-lhe tudo, corpo e alma. Como uma explosão, rasgou-lhe o peito. Suas ilusões despejadas escorriam como sangue. Seus sonhos... Lindos sonhos de um doce amor, abruptamente despertaram.

Matará-o... finalmente livre seu coração. Vazio... morto o amor que ali habitara.

Realizando um sonho

Carmen Maria Maciel Jara

Ela inclinava displicente o corpo em direção à água. Jogava conchinhas e olhava o movimento gracioso que desencadeavam ao encontrarem-se. Tão diferentes... água e conchinhas. Mas seu encontro propiciava um nostálgico encantamento naquela alma de menina, acolhida naquele vivido corpo de mulher.

O tempo passara. Há muito vivendo de lembranças, não perdera o romantismo da adolescência. A mulher aprendera a enfrentar o cotidiano com um espírito de luta e praticidade. Firme sem perder a doçura, não esmoreceu frente ao que a vida lhe exigiu. Mas teimosamente manteve em si a capacidade de sonhar.

E ela sonhava... sonhava e recordava. Seu coração ia liberando imagens como em um filme. Sua alma embalada pelas emoções; faziam com que lágrimas rolassem suaves pelo seu rosto. Mas que imagens... nada fora real. Não havia imagens. Somente seus sonhos haviam habitado essa história.

A água dançava em ondas espumadas... e ela permanecia ali. Envoltas em seus pensamentos. Já não atirava mais conchinhas. Seus braços, como em um abraço, tentavam envolvê-la. Arrepios vindos do seu corpo molhado e de sua alma desencantada a faziam estremecer.

Não queria lembrar... mas a teimosia a mantinha agarrada às suas lembranças. Era o que lhe sobrara na vida. Elas tomavam forma. Formas subjetivas de irrealidades, pois que delas eram formadas. Nada fora real.

Ele chegara com vagar. Sabia à que vinha. Mostrava-se sutilmente, como à ocultar suas intenções. Movimentava-se lentamente, ocupando espaços até então intransponíveis.

Às vezes ousado, outras camuflando uma timidez, acenava com uma concretude ilusória, mascarada por uma falsa sinceridade.

Repetia constantemente que apesar de querer, não ficaria, mas ia acomodando-se descaradamente. Exaltava a sua carência, no entanto vinha saciado. Procurava apenas uma sobremesa mais doce. Plantava o que não tinha a intenção de colher. Acenava como uma flor de tuna. Encantava sem dispensar os espinhos.

O sol dava sinal de que o crepúsculo se aproximava.

Ele retornaria em infinitas auroras, iluminando e aquecendo, esparramando sua realeza. E ela... o crepúsculo da vida se tornava real. O que seria de seus sonhos! Teriam um espaço de realizações.

Queria levantar-se. Sair dali. Despertar dos sonhos. Mas o corpo, obedecendo a sua alma, ali permanecia como uma simbiose entre o mar, as lembranças e o momento.

Ele volitava à sua frente. Tão etéreo como sempre fora em sua vida. De seus lábios, uma doce canção exaltava a paz. O som era sublime. A maresia o acompanhava com acordes divinos. Sua voz a envolvia com suavidade. Era um perfeito gorjeio de Rouxinol.

Seu corpo estremeceu. Sentiu em si a plenitude de seus sonhos realizados. As ondas lhe acariciavam com doçura. Seus braços estendidos viviam a realidade do abraço.

Amanhecera... aurora magnífica encontrara um corpo salpicado de areia e enfeitado de conchinhas.

A espera

Carmen Maria Maciel Jara

O apito sibilava em seus ouvidos. Seu corpo, suando e fremente de saudade em sobressalto se ergueu.

Finalmente sua espera terminara. Olhou-se no espelho. Enxergou-se como naquele dia. O dia da partida. Morena faceira. Longos cabelos enfeitados com flores de laranjeira, como se dali fosse direto ao altar. Estava triste. Ele teria que ir.

De longe avistava o navio. Seu balanço lhe atiçava a ansiedade. Seus olhos amendoados espichavam-se ao longe, procurando a imagem querida. No peito, o coração galopava antevendo a alegria do reencontro. Sentia a areia quente sob seus pés. Tão quente quanto o sangue que lhe fervia nas veias. A água enfeitava-se com os reflexos dourados do sol. Em seu corpo, o ardor dos sentimentos lhe queimava tanto quanto o astro rei.

Ele havia partido levando consigo suas promessas de amor. Voltaria. Os seus sonhos de menina apaixonada teriam que esperar.

A vida seguiu seu curso, acalentada pela certeza do retorno. Guardara em seu peito o amor à ele jurado. Guardara também seu corpo numa ardida paixão sufocada.

Caminhava finalmente ao encontro do seu amor. Seu vestido molhado, colava-se à suas pernas, ressaltando a sensualidade que aflorava. Seus seios arfavam. Os lábios carnudos, coloridos de um carmim natural, anteviam os beijos demorados. Ela era só desejo... só amor.

O navio aproximava-se trazendo consigo os anseios de uma espera apaixonada. Um misto de dor e esperança fora o que tivera. A dor ainda lhe comprimia o peito. A esperança tornara a espera suportável.

Volume 1

Aquela manhã jamais fora olvidada. Seus cabelos negros, desordenados pelo vento. Seu sorriso iluminado, como a prometer o breve retorno.

Seus olhos verdes marejados lhe dirigiam mudas confissões de amor e promessas de retorno. Apoiado nas bordas do convés, com uma mão ele segurava um quartzo rosa. A pedra que simbolizava a firmeza e delicadeza do sentimento que os unia. Com a outra lhe acenava, como se buscasse, naquele gesto cheio de ternura, o toque da sua.

As manhãs, sempre lhe encontravam à beira do cais. Olhar perdido no horizonte. Perguntando ao mar, quando lhe devolveria o seu amor. Assim vivera seus dias. Em intermináveis passeios sob aquela que se tornara quase cúmplice de sua espera, acolhendo-a. As areias eram o seu chão.

O navio atracou. Ela ajeitou as flores em seus cabelos. Seu corpo tremeu de emoção. Sua espera terminara. Finalmente seu amor em seus braços. Novamente se sentaria ao chão, apoiada em suas pernas, escutando o som do seu violão e encantada com a doçura de sua voz, até o momento em que ele se calasse e suas bocas sedentas sorvessem todos os beijos guardados.

O cais esvaziou-se...

Ela apanhou sua bengala. As flores caíam de seus cabelos brancos. Andar vacilante...

Esperaria o próximo navio.

O encontro

Carmen Maria Maciel Jara

Balançava a cadeira com seu rangir melancólico, quase um choro. Balançavam juntos seus pensamentos impregnados de nostalgia. Pela janela, tênues raios de sol adentravam a minúscula sala. Raios tão frágeis quanto ela, num fúnebre abraço rumo ao poente.

Nela não havia mais lógica e nem razão. Um estranho torpor lhe invadia com calafrios, fazendo com que mal percebesse seu corpo. Esse lhe pesava sob as dores dele próprio e as doloridas dores da alma.

Não havia mais lógica e nem razão. Em constante vai e vem, alternava rasgos de lucidez e demência, restando um agir sem sentir e um frustrante sentir sem agir.

Foram-se todos... foi tudo. Restara-lhe uma cadeira e alguns cuidados frios, impessoais, quando muito piedosos. Jamais amorosos. Ali, quase inerte, lia e relia sua história. Adentrava corajosamente em seu interior. Percorria espaços. Arredava o sofrimento, a dor e a mágoa, ali calcificadas. Procurava esperançosa um cantinho em que ainda habitasse sua alma. Questionava em que lhe serviria essa releitura nos seus momentos derradeiros.

Com vagar movimentou suas mãos, apalpando o corpo. Tentou mexer as pernas, que já não lhe obedeceram. Sentiu as fracas e irregulares batidas do seu coração.

Nada. Um grande nada. Chegara até aquele momento, carregando consigo um grande nada.

Retomou sua derradeira viagem interior. Encontrou por lá uma jovem e linda mulher. Tinha a alma bondosa, o corpo sadio, o coração pulsante e apaixonado. Olhou aquele ser com piedade e pensou: Fostes tão reprimido e engessado, quanto agora. Castraram teus sentimentos com

Volume 1

falsas concepções morais. Amordaçaram teus sonhos, sufocando teus anseios. Convenceram-te que a razão era dominante e que tuas emoções eram arroubos que dispensavam expressão. Roubaram tua vida e tua juventude. Permitisses que te colocassem numa cadeira invisível. Te atrofiaram a alma.

E a cadeira balançava, embalando a frustração de uma existência perdida. Veio à noite e a demência lhe abraçou. Um abraço de paz.

Amanhecera, os brilhantes raios de sol, de uma aurora libertadora, atravessaram a janela, invadindo a sala, iluminando uma cadeira vazia.

O Rouxinol e a Rosa

Carmen Maria Maciel Jara

Era um lindo jardim. Flores e pássaros dividiam o verde e balançavam-se nos caules e galhos; ambas as espécies espalhavam beleza no ambiente, numa sublime saudação à mãe natureza.

O rouxinol parecia querer tomar conta de tudo. Voava em vai e vem sobrevoando próximo a uma roseira que ostentava somente uma rosa. Uma rosa já totalmente desabrochada. Há muito perdera o frescor de um botão, mas ali permanecia, como que agarrada à sua alegria e grande amor à vida.

O Rouxinol, num melodioso gorjeio, exibia sua exímia qualidade de cantor e sua capacidade de encantamento. Parecia provocar a singela Rosa, que o escutava embevecida. Aproximava-se com um trinado suave e quando ela, em sua sensibilidade, lhe enviava um olhar, ele se afastava displicente, levando sua melodia à outras flores.

Os dias transcorriam lindos e alegres como numa permanente e privilegiada estação, onde pássaros e flores se eternizariam ali.

O Rouxinol aproximou-se da Rosa, e num gorjeio um tanto debochado, perguntou:

— Por que me olhas, como que desejando dizer-me algo. Não cantas e muito menos falas?

A Rosa o olhou demoradamente, e com nostalgia lhe respondeu:

— Querido Rouxinol, eu falo. Mas falo em uma linguagem especial. Uma fala entendida somente por quem conhece a linguagem do amor. Eu viajo nas mãos de mensageiros. Falo aos amantes, de beijos apaixonados. Conto a eles dos desejos e carícias. Minhas palavras, para

Volume 1

quem as sabe ouvir, falam de sonhos, de esperanças. Eu, meu amigo Rouxinol, falo de sentimentos. Não canto. Falo de essência. Falo do amor.

O Rouxinol olhou a Rosa, com um olhar um tanto descrente e lhe respondeu:

— Você me olhou como se falasse, mas eu não ouvi nada! Você é uma rosa muito estranha!

— Meu amado Rouxinol, tu nunca vais me ouvir. As rosas só falam para quem sabe amar. Aos outros elas se contentam em exalar o seu perfume.

O Rouxinol, com um gorjeio mimoso, voou, distanciando-se da pobre Rosa.

Ela, tristemente reconheceu que rouxinóis cantam e encantam, mas que nunca entenderiam a linguagem do amor. E que ela jamais poderia dizer ao seu Rouxinol, o quanto ela o amava.

O belo jardim amanheceu com uma flor à menos. Jazia desfolhada, molhada pelo orvalho, como se lágrimas fossem, aos pés da roseira, a Rosa que se apaixonou pelo Rouxinol.



Consuelo Pagani

Consuelo Pagani: natural de Corinto/MG; reside em Vitória/ES. Poetisa, escritora e arte terapeuta. Pós-graduação: UFES. Ganhou título de Mini Escritora 70, aos 10 anos de idade; 1º lugar no Concurso “Poesia Sem Fronteiras/2021”; semifinalista no Concurso Liter. Internac. Pena de Ouro; 8º lugar no Prêmio Luiz Gonzaga/2021. Autora do livro infantojuvenil *A Viagem da Gotinha*, premiado pela Secr. de Cult. de Vitória/ES (2ª edição em andamento). Participa de mais de 20 Antologias entre 2020/21. Recebeu Comenda Ruth Cardoso/2013, pela autoria e coordenação do **Projeto Pequeno Cidadão** (inclusão social, autoestima, consciência ambiental e cidadania com crianças carentes). Seu primeiro livro solo de poesias está em fase de editoração. Academias: **ACL**; **AILAP** e **AIML** - Acad. Intern. Mulheres das Letras.

Cintilando estrelas e criando o verbo amar

Consuelo Pagani

Quero...

Que se esvaeça

O mundo frio, lúgubre, sem perfume...

Mórbido, morno, submundo, inaudível,

Desacreditado, impossível de se viver!

Quero acreditar no amor fecundo,

No poder humano

De lapidar os seixos

Iluminar as trevas...

Cintilar estrelas!...

Lapidar o ouro

Inundar o outro

De ternura e canções

Buscar a Aurora,

...O azul do luar...

...Gotas de orvalho

Que se encontram

Dentro de nós!

E não nos deixa descansar...

Acomodar,

...silenciar...

...robotizar!

Qual! Nunca!!!

Quero antes:

O Amor!

Coleção Versejar de Literatura

O seu Amor...

O meu Amor...

O nosso Amor, de todo o Mundo!..

Cálido, sublime, verdadeiro, profundo,

Sem medo

Ou pudor...

Perdão: aos corações franzinos,

Corrompidos

Que não sabem sonhar

...Nem viver poesia...

Tampouco permitem

Que a pura melodia

Do silêncio...

Ou de Milton... Montenegro,

...ou Bach

Possam, a alma,

lhes arrebatam...

...os sentidos, inebriar...

Perdão: aos que não conhecem

O brilho da aurora, sorrisos de estrelas

E a cor do luar...

Que não se flamejam

Com um simples poetar...

Que não sabem criar... nem conjugar...

O maravilhoso verbo

...AMAR!

O milagre do lenço branco

Consuelo Pagani

Era o ano de 1966. Eu tinha apenas seis anos de idade. Minha mãe estava em gravidez avançada do meu irmão mais novo, Carlos Vinícius, que nasceu em maio daquele ano. Portanto, o que vou contar deve ter acontecido entre março e abril.

Morávamos em Corinto, pequena cidade do interior do Minas Gerais: pacata, calorosa e todos éramos amigos uns dos outros. Nossa rua era – e ainda o é até hoje – pequena e aconchegante: apenas um quarteirão, onde todos os vizinhos se conheciam e se ajudavam mutuamente, como uma grande família: cada qual com sua privacidade, mas com respeito e amizade. Havia apenas uma família estranha de vizinhos. Não se comunicavam com o restante da Rua, não interagiam, nem mesmo cumprimentavam os demais. Tinham a cara “truncada”, eram fechados e carrancudos, e ainda, moravam todos juntos numa pequena, sombria e soturna casa: avô, avó, pai, mãe, filhos adultos e até netos. As crianças daquela família eram as únicas que não brincavam com as demais crianças da rua.

Para tornar ainda mais temível e diferente aquela família, havia, dentre eles, um casal que havia se separado, o que, para a época, era uma notícia que nos causava medo, pois eles haviam se tornado ainda mais estranhos, com a separação.

Como a rua era pequena, vez ou outra ouvíamos discussões oriundas da intrigante família. Conforme escutávamos de “nossos” adultos, era o ex-cônjuge que, volta e meia, passava à frente da casa da ex-mulher e gritava em altos brados palavras e frases desafetas, para ver se conseguia perturbar a paz da pobre coitada.

Porém, as discussões e gritos aconteciam durante uns quinze minutos e depois paravam, quando o ex-marido já havia descarregado todo o seu desamor e frustração e resolvia ir embora, deixando a nossa pequena e querida *Rua* em paz.

Mas naquele dia de Outono de 1966, aconteceu um fato inédito e que me marcou para o resto da vida, que é o que irei, aqui, narrar:

Meu querido pai Joaquim era professor de português e lecionava à noite, junto com minha mãe, Maria. Durante o dia, ele trabalhava em sua pequena papelaria, que era também Escola de Datilografia e se localizava bem em frente à nossa casa, no cômodo pertencente à minha falecida avó, sua mãe. Eu, que era bastante unida ao meu amado e carinhoso pai, gostava de passar meus dias ao seu lado, vendo-o corrigir as provas de português, quando ele já me ensinava, com prazer e ternura, o valor das letras e das palavras e até mesmo já começava a me apresentar ao mundo fascinante das Poesias. Passar os dias ali ao seu lado, para mim, era um imenso prazer.

Naquela bela manhã outonal, estávamos todos juntos na Escola de Datilografia: minha mãe, com sua enorme barriga de oito meses de gravidez; meu pai, corrigindo, tranquilo, as provas de português de seus alunos; e eu, como sempre, “enrabichada” ao lado do meu pai, procurando colher os primeiros raios de sol do poder mágico das palavras, quando começamos a ouvir os gritos vindos daquela casa.

Mas, naquele dia, os gritos não pararam em quinze minutos. Foram só aumentando, tornando-se ferozes, cada vez mais agressivos e ameaçadores. Era o ex-cônjuge insultando a ex-esposa e os outros membros da família já estavam tomando partido. Parecia que os gritos estavam bem pertinho de nós, causando medo e pânico em todos, e

foram-se tornando perigosos, pelo teor das palavras proferidas, que já eram em grave tom de ameaça.

Meu pai começou a ficar extremamente incomodado com aquela situação. Ele era um homem de luz: letrado e culto, porém, pacífico, cheio de sabedoria e coragem; ajudava a todos com doçura e humildade. Desde a minha mais tenra infância, eu já o tinha visto tomar atitudes para ajudar ao próximo que somente aqueles que são realmente valentes de espírito conseguem fazê-lo.

Era eu ainda bastante criança, mas me lembro perfeitamente de cada cena, de cada detalhe daquele dia em que estou narrando: meu pai parara seu trabalho de correção de provas, ao ouvir aqueles brados exaltados e inamistosos. Ele, como homem de Fé e Luz incomuns nos dias de hoje, não conseguia se concentrar, pois não acreditava que algum ser humano pudesse viver daquela forma. Ele olhava para o alto, e dizia, com sua alma inquieta: **“- Meu Deus, este povo não tem fé em Cristo?!”** E voltava novamente os olhos para os papeis, tentando, em vão, se concentrar em suas tarefas didáticas e novamente, os gritos o interrompiam. Ele olhava para o céu de novo e repetia: **“- Meu Deus, este povo não tem Deus no coração?!”**

De repente, minha tia Bebel, que morava ao lado, chegou na Papelaria-Escola-de Datilografia do meu pai, desesperada, dando a notícia, com os olhos em chamas, esbugalhados, de tanto pavor: - *“Joaquim, eles conseguiram armas! Estão com espingardas! Vão acontecer mortes naquela casa”*. Minha mãe, sensível com a gravidez, começou a chorar, cheia de medo e pânico! Todos os adultos estavam atônitos e apavorados, em pé, mexendo-se para lá e para cá dentro do pequeno cômodo do meu pai. Eu, que era criança, não entendia direito o que estava acontecendo, apenas via meus queridos familiares e clientes do meu pai aterrorizados.

E os gritos daquela casa se transformaram em brados, numa manhã de horror, desesperando a todos os que residiam na nossa bucólica e singela *Rua*. Via-se claramente o pânico no ar. Começamos, então, a escutar ameaças de tiro e, meu pai, novamente, bateu a caneta no papel, dizendo, baixinho, para si próprio, como se estivesse clamando ao Criador para vir acudir a todos os que ali estavam: “- **Meu Deus, este povo não busca a Cristo?!**”

A confusão da pobre família ia só aumentando. Meu tio telefonara para a Polícia, mas, em cidade pequena muitas vezes o auxílio policial demora mais a chegar...

Houve, então, nova ameaça. E um disparo. Para o alto, a princípio. O ódio já estava instalado. Aquele tiro seria o primeiro. Depois viria outro, e outro, até atingir alguém... e matar.

Foi, então, que eu vi o **Milagre** acontecer, por meio do meu pai Joaquim: aquele homem, pequeno em estatura, mas grande em espírito, honra e prestígio junto ao Criador! Era destemido, porque sabia que tinha Cristo como “escudo” e que nada o atingiria, pois ele era “Soldado de Cristo”, como ele próprio se referira a vida inteira!

Ao ouvir os primeiros tiros, ao invés de meu pai se amedrontar, ele tirou **seu pequeno lenço branco**, que sempre carregara ao bolso e foi caminhando em direção às armas, balançando-o ao céu, bradando, o mais alto que pôde:

“PAZ! EM NOME DE CRISTO, PAAAZzzz!”

Ele não tinha medo: sabia que estava protegido! Eles o teriam matado se não fosse a Luz do Espírito de Deus que formara ao seu redor *um “escudo”* e ele foi caminhando, destemidamente, em direção aos homens odiosos e armados.

Ele não se impunha pelo tamanho, nem pela força física, tampouco pela voz grossa: tinha apenas 1,58m de

altura, e era rouco... Mas tinha a força de um leão, a coragem infinita de quem tem o Verdadeiro Deus dentro de si.

E continuava a bradar, aproximando-se cada vez mais do perigo:

– **“PAZ! EM NOME DE CRISTO, PAZ!”** – e balançava o lenço!

Eu tinha apenas seis anos de idade, mas me lembro de cada segundo daquele dia: meu pai abanando o lenço branco ao céu e gritando essas milagrosas palavras.

Minha mãe, desesperada, atravessou a rua correndo com seu barrigão, gritando, aos prantos: “- *Meu Deus, eles vão matar Joaquim!*”

Então, o Milagre aconteceu: à medida em que meu pai se aproximava da horrível briga armada, ao invés de eles se irritarem com aquele baixinho intruso e o eliminarem, foram parando a gritaria – e abaixando as armas – uma a uma.

Em poucos minutos, a paz reinou. O exército do meu pai era invisível; sua arma foi seu lenço branco; e o motivo, o Amor.

Da papelaria do meu pai, eu assisti a tudo: ele com seu lenço branco, aproximando-se do perigo, confiantemente, caminhando, como que em transe, em Fé Verdadeira, pois tinha certeza de que seu Exército era mais forte.

Eles olharam para meu pai e, então, seguiu-se um silêncio... E a Paz, a partir daquele momento, instalou-se novamente em nossa *Rua* e nunca mais escutamos um grito sequer!



Gercimar Martins

Goiano, natural de Rio Verde – GO (1993), Gercimar Martins é Poeta, Escritor, Professor Universitário, Administrador, Mestrando em Educação pela UFU, autor de 5 livros de poemas e amante da Literatura. Membro das Academias de Letras ALUBRA, AIL, AILB, CBJE, FEBACLA, AILAP, LITERARTE, NAISLA, *Movimiento Poetas del Mundo* e, Membro Fundador da ACLEMOD - Associação Cultural, Literária e Educacional Mãos e Olhares Diferentes.

Espaço de poesias: www.gercimarmartins.poeta.in

Instagram: @gercimarpoea

A Literatura Fortalece Caminhos

Gercimar Martins

Falar de Literatura é um trabalho de muito orgulho, e ao mesmo tempo, de muita responsabilidade, afinal, essa é uma arte de tantos talentos, cada um com suas habilidades, suas formas de escrever e pensar.

A Literatura, para alguns nada de interessante tem, mas a sua essência é apreciada por todos os lugares em que está presente, tem sua forma de lhe fazer sorrir, mas também de lhe colocar para refletir.

A Literatura é uma arte que nem todos sabem dela se apropriar, talvez por desinteresse, talvez por ainda não ter tido o privilégio de a conhecer, mas um dia, sem dúvidas irá se encantar.

Falar da Literatura, não é uma tarefa fácil, a minha visão pode da sua não ser igual, as vezes coloco-me a rimar, noutros a lhe provocar, mas essa é sua essência, a todos saber encantar.

Escrever é um legado para a eternidade poder consolidar, um imortal se tornar, e em décadas futuras, uma nova inspiração e talento se criar.

A Literatura fortalece caminhos, o seu de inspiração em alguém que sua vida por meio da escrita o despertou, o de alguém que nos seus passos eis de acompanhar.

Mesmo que nem a todos poderá agradar, o importante é feliz continuar seu caminho e jamais de seus sonhos desistir ou pensar em abandonar.

Para alguns uma profissão, para outros um hobby, independente da sua opção, o importante é para você sentido criar.

Uma pergunta várias vezes já me foi feita: Quanto um escritor ganha? Quanto e o que você ganha escrevendo?

Coleção Versejar de Literatura

Sei que para muitos o objetivo é apenas este, como mencionei, para alguns escrever é uma profissão, mas a minha resposta sempre foi: O prazer de me autorrealizar.

Escrever para mim é uma arte do meu ofício, tornou-se um hobby por prazer de nas palavras poder me expressar e outras pessoas poder encantar.

Independente da escolha que você fizer, sentir-se bem é a melhor escolha, o resto é apenas resultados do trabalho que irás realizar.

Sozinho podes caminhar, mas ao lado de intelectuais novos caminhos poderá trilhar, grupos são criados, estes nas Academias fortalecidos. Participe, e novas oportunidades irás conquistar, a aprendizagem nunca poderá parar, e ensinar nunca irá de ti algo tirar.

Construir impérios, ou o mundo viajar, na arte da literatura tudo podes acontecer, a sua imaginação é você quem irás criar, sem medo, nessa aventura venha se embarcar.

Volume 1

Literatura

Gercimar Martins

Liberdade de expressão,
Impossível de não se encantar,
Ternura por versos a expressar,
Entre linhas um verbo a rimar,
Razão das minhas emoções,
Amor e várias paixões,
Tornam meus enredos mais vívidos,
Um mar de escritos reunidos,
Reunidos numa obra prima especial
Agora um legado pra vida construído.

Versos que o tempo não pode apagar

Gercimar Martins

Não escrevo versos para com o tempo apagar,
Escrevo, para na eternidade ficar,
Não para melhor que alguém ser,
Mas para alguém um dia com os versos se inspirar,
E poder acreditar, que tudo pode melhorar.

Não crio apenas versos a rimar,
Transcrevo emoções que lhe façam repensar,
Um novo caminho que podes trilhar,
Novas aventuras desbravar,
Novas conquistas conquistar.

Viver o agora é a melhor opção,
Mudar é a melhor solução,
Permanecer é apenas desilusão.

Viajar sem pressa de voltar

Gercimar Martins

Quando começo a escrever,
Viajo sem pressa de voltar,
No desespero da folha em branco,
Começo o novo caminho a trilhar,
Versos começam a brotar,
E novas inspirações a me emocionar,
Como é belo a arte de na escrita expressar,
E novas pessoas poder inspirar.

Coleção Versejar de Literatura

A Arte de um Legado Deixar

Gercimar Martins

Escrever,
não é apenas para se exaltar,
Um legado,
para a eternidade poderás deixar,
Versos ou parágrafos,
é a arte de se criar.

Várias datas a Comemorar

Gercimar Martins

Várias datas temos a comemorar,
Dia do Escritor,
Dia do Poeta,
Dia do Intelectual,
Dia do Autor,
Dia e dias,
São apenas datas comemorativas a se lembrar,
Mas a data de hoje, é a melhorar a se observar,
Estes versos estou a criar,
Na expectativa de novas pessoas inspirar.

O que te motiva a não parar?

Gercimar Martins

Sonhos lhe fazem caminhar,
Metas a conquistar,
Planejamentos a traçar,
Uma rotina a se criar,
O que não pode é agora parar.

A trajetória árdua será,
Mas fácil nada irás conquistar,
Siga confiante,
Desistir não é uma opção a se usar.

A melhor inspiração para acreditar

Gercimar Martins

Você,
Pode as vezes não acreditar,
Dias difíceis vem para lhe provocar,
Problemas para lhe assustar,
Desafios para lhe testar,
Mas uma inspiração precisa focar,
Mesmo que tudo pareça não melhorar,
Novos caminhos eis de trilhar,
Mas existe,
A melhor inspiração para se acreditar,
Quando não saber onde encontrar,
Saiba que essa inspiração é fácil de se identificar,
Inspire-se naquele que tudo pode fazer pra mudar,
Não dependa de ninguém para caminhar,
Pois só uma pessoa pode fazer você tudo superar,
Quem?
Leia a primeira linha deste poema é irás encontrar!



Hamilton de Jesus Miranda

Hamilton de Jesus Miranda nasceu em 1974 em Oeiras do Pará/PA. Filho de Nelson José Correa de Miranda e Ordélia Balieiro de Jesus. É escritor, poeta e professor de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino. Como amante da literatura e dos livros, escreve, em linhas poéticas, a poesia traduzida em vários sentimentos. É autor das obras “Resumo Expandido A maçã no Escuro” e “Caminhos do Alvorecer”. Participou como coautor de vários livros acadêmicos e antologias poéticas. O escritor é graduado em Letras - Língua Portuguesa - pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Literatura e Leitura pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Mestre em Língua Portuguesa pelo Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) – UFPA. Atua também na área de planejamento educacional e formação continuada de professores.

Paz e proteção aos indefesos

Hamilton de Jesus Miranda

Mundo insano, doente,
Carente de amor
Mundo vazio
Consumido
Pela marca da dor
Mundo perverso
Cujo homem é o destruidor
Espalha a barbárie
Interrompe vidas
De forma cruel
Age como um monstro, um devorador
Que disfarçado de anjo
Retira a infância,
com violência e covardia
Propaga o terror.
Retira os sonhos,
De um anjo menino
Que sofre castigo
O peso da dor
Omissão de socorro
O sangue não pesou
A ganância, o apego
Aos bens que sobrou
No peito o vazio de um ser que idolatra
O dinheiro e mata
O ser que gerou.
O corpo sente a dor
A alma entristece
O coração chora dilacerado
E ecoa pedido de paz e proteção aos indefesos

Cicatrizes

Hamilton de Jesus Miranda

Quantas mortes
Quantas perdas
Para suportar?!
Quantas vidas
Quantas partidas
Vamos enlutar?!
Quantas dores
Quantas feridas
Irão ficar?!
Grandes lições para aprender
Grandes caminhos para percorrer
Grandes conflitos de consciência
Em meio à turbulência
Que separa a ignorância da Ciência.
A vida é cara
É rara
É valiosa
E frágil também
E uma vez perdida não volta mais
As histórias ficam no vazio do silêncio da tarde
Na agonia do tempo que não passa
Na ferida que não cicatriza
Na angústia que não se sacia
No frio tenebroso das noites traiçoeiras
e na solidão que teima em continuar.

Entre palavras

Hamilton de Jesus Miranda

Vivo entre as palavras
E nelas me engano
Me dano
Me difamo
Me perco
Me acho
Me liberto
Me aprisiono em suas armadilhas!

Estou entre os versos de um soneto
Troco rimas
Nas entrelinhas da vida poeta
Liberto o som intercalado
De um amor inacabado
Nas páginas da poesia!

Carrego sentimentos inversos e
em versos desenho-os em palavras rimadas
Armadas
Amadas
Num desenho fluido do meu interior
Que o amor deixou em meu ser
Em que o re(viver)
Ensurdece-se em sílabas mudas, difusas
Em versos Decassílabos
De palavras opostas, impostas, expostas
Nesse ato de viver entre as palavras!

Ser de luz

Hamilton de Jesus Miranda

Meus passos
Meus sonhos
Minha sina
Meu destino
Meus delírios
Meus lamentos
Minha dádiva
Minha escolha
Minha história
Meus encontros
Meus encantos
Meus afetos
Minha fé
Minha crença
Minha vida que voa
Nas asas de um ser de luz.

Volume 1

Partilha

Hamilton de Jesus Miranda

A fome tem rosto
A pobreza também
A esperança está naqueles que têm
Empatia e amor na partilha do pão
Onde do pouco se faz muito além da doação
Pratica-se o amor
Ao nutrir o irmão
Que sofre o amargo gosto da miséria
E da fome que mata a nossa nação.
Humanidade, prospera!
A fome não espera
No estômago embrulhado de vazio e dor
De crianças e jovens, de famílias inteiras
Que carecem da força de sagrada missão
E da luz que isso emana
Do Deus Protetor!

Arte poética

Hamilton de Jesus Miranda

A poesia nos faz imortais na arte de sonhar,
De viajar no tempo
E no mundo.
De se embebedar da palavra
E fazer dela o elixir da eternidade
Em suas dimensões!
Onde tudo é possível,
Até tocar estrelas em harpas angelicais!
Eternizar o amor no último sopro de vida
Romper a imensidão de um céu nublado
E levar o clarão da lua cheia para o orbitar dos astros!
Cultivar o amor nos corações apaixonados
E deixar para sempre na boca
O sabor de um beijo roubado!
Acelerar os corações dos enamorados
E transcender os limites do tempo e do amor no palco da
vida!
Se viciar do néctar e, às vezes,
Provar do fel e do doce amargo sabor da palavra,
Pois ela é a arma, a alma, o escudo, o refúgio e a liberdade
do poeta
Que o leva à imortalidade.

Momentos

Hamilton de Jesus Miranda

Há momentos de decepção
Há momentos de desilusão
Há momentos de alívio da dor
Há momentos de consolo, de amor
Há momentos que correm, outros não
Há momentos de luz e escuridão
Há momentos de temor e compaixão
Há momentos de extrema ilusão
Há momentos que vêm e que vão
Há momentos de reflexão.
Há momentos eternos outros mais
Há momentos serenos e de paz
Há momentos que precisam voltar
Há momentos de recomeçar.

Jesus

Hamilton de Jesus Miranda

A voz do amor
A voz do perdão
A voz da justiça
E da consolação
A voz dos que lutam
A voz dos aflitos
A voz dos famintos
Carentes de pão
A voz que cura
A voz que protege
A voz que renova
O nosso coração
A voz que acalma
A voz que aconselha
A voz que consagra
Que alimenta o perdão
A voz que salva
A voz que liberta
A voz que nos leva
Para redenção!

Mãe Santíssima

Hamilton de Jesus Miranda

Nossa Senhora D' Assunção, Poesia de todos os lares
A direção certa de todos os olhares
A palavra que rompe desertos e mares!

Nossa Senhora D' Assunção, junção de todos os afetos
Esperança sagrada das noites incontáveis
A voz que guia passos tortuosos, mostrando o caminho da luz!

Nossa Senhora D' Assunção, o manto sagrado que afaga e consagra
O verbo que inspira, palavras de mansidão
Oração mais certa, alimento diário de cada irmão.

Nossa Senhora D' Assunção, força divina nas horas incertas
A mão que acalanta a todos sem nada pedir
Ser que purifica a alma e o amor de Jesus nos faz sentir.

Oh, Mãe Santíssima! Derrama sobre nós a sua luz!
Nos capacita além de nossas vontades
Nos toma nos seus braços protetores
Nos torna instrumento do seu amor!

Oh, Mãe Santíssima! Seguir-te é a nossa maior vocação
Seus planos para nós, nos traz salvação
Conduza-nos todos os dias em nossa missão
De falar do seu amor, do seu poder e da sua proteção, Oh Mãe!
A todas as nações!



Josefa Lizete

Josefa Lizete Pinheiro dos Santos nasceu em Lagoa da Canoa, Alagoas, em 1965. Viveu em Minas Gerais durante alguns anos de sua infância, mas logo voltou à sua cidade natal. Residiu até o ano de 2008, quando se mudou para Itapema, Santa Catarina, com o marido e filhos, local em que vive até hoje.

Filha de agricultores, seguiu com os pais e irmãos no exercício da agricultura durante sua juventude. Foi professora do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) com cerca de 20 anos de idade. Após mudar-se para o sul, foi funcionária pública na área da saúde, e concluiu seus estudos de ensino médio também na cidade, por meio do Curso de Educação de Jovens e Adultos, com término em 2011.

Desde cedo se interessava pela escrita de poemas, e passou a escrever recorrentemente após ser convidada a participar de uma antologia, apresentando uma de suas obras.

Noite de luar

Josefa Lizete

Em uma noite bela
Ao céu fixei o olhar
Debrucei-me na janela
Para a lua apreciar.

O seu brilho irradiante
Muitas vezes confundia
Se o clarão deslumbrante
Era noite ou dia.

Até encandeava no olhar
Aquele resplandecer
E os grilos a aglomerar
Com seu cantarolar.

Contentamento sentia
Com as noites de lua cheia
Nas quais podia apreciar
A beleza que ela tinha.

E assim se passavam as horas
A mesma canção se ouvia
Na espera da aurora
Com o raiar do novo dia.

Campos e colinas

Josefa Lizete

Esbelta primavera
Dos prados floridos
Nos vales se encontram
Espécimes sortidos.

Os biomas formados entre campos e colinas
Com o vento espalham seu suave aroma
Panapaná de borboletas pelos ares a voar
E as abelhas o néctar das flores a buscar.

A copa das árvores bastante floradas
Com suas ramagens extensas e alastradas
Entre botões e folhas, as flores desabrocham
E atraí olhares de quem por ali passa.

Furtivo entre os ramos
Havia um beija-flor sozinho
Intercalando com seu biquinho
Painas para construir seu ninho.

Com a flora abundante para apreciar
Avisa que a primavera está a chegar
Embeleza os campos e purifica o ar
Com as flores abrindo e harmonizando o lugar.

Ramo das Araras

Josefa Lizete

Certo dia, exposto ao sol aquecido
Preparava a terra para a plantação
Hora do almoço e estando ofegado
Procura uma sombra para servir a refeição.

Um lugar tranquilo buscava
Mas o que encontrou lhe surpreendeu
Uma frondosa árvore ali se encontrava
E em sua favorável sombra se recolheu.

Naquele lugar se sentiu amparado
Um local confortável, de ar puro e sombreado
Ficou a vontade e sem nenhuma avidez
E repousou tranquilo com aquela aridez.

Cheio de felicidade, e certo no que dizia
Sentia como se ali fosse o lugar a que pertencia
A sombra que por ele havia sido encontrada
Tratava-se de um sublime pé de Arapiraca.

Conhecida como ramo que arara visita
Por ter galhos longos e sombra aconchegante
E o que a torna ainda mais bonita
São as variedades de pássaros, seus habitantes.

Meu pedacinho de chão

Josefa Lizete

Ai que saudade que sinto
Do amanhecer do meu sertão
Por trás da verde serra residindo
No meu pedacinho de chão.

Bem longe da cidade
Em meio a mata, quase escondido
Era razão de muita felicidade
Avistar o sol no horizonte surgindo.

Ao amanhecer, ainda bem cedo
Com seu canto bem entoado
Estavam bem empolgados
Aquele bando de passarinhos.

Contente ouvia a cantoria
Que apreciava com muita alegria
E recebia suas boas vindas
Feliz com o nascer do novo dia.

Em seu canto revelavam
O quão à vontade se sentiam
E pelos ares em círculos voavam
Felizes porque livre viviam.

Mas isto ficou no passado
Hoje é recordação da falta que me faz
Pois a simplicidade que ali eu vivia
Tão triste um dia deixei para trás.

Volume 1

Hoje estou distante e na cidade grande
E o canto dos pássaros quase nem se ouve mais
Tomada por arranha-céus gigantes
Quase não sobra espaço para os animais.

Como prisioneiros, vivem em viveiros
E seu canto quase emudeceu
E o fato de ter nascido em cativeiro
Sua liberdade nem conheceu.

Hoje muitos estão em extinção
E com eles me solidarizo
Tão triste é sua situação
Vivendo em espaço reduzido.

As lembranças trazem a ansiedade
Sinto o coração palpitante e em prantos
Como é doído viver na grande cidade
Se tem no peito estampada a saudade do campo.

Saudade da minha infância

Josefa Lizete

Recordo-me com felicidade
A fase da minha infância
Hoje me resta saudade
Dos bons tempos de criança.

Meus pais não tinham estudos
Mas eles se preocupavam
Gostariam de poder dar tudo
O que a gente precisava.

Estavam sempre contentes
Por ter-nos ao seu lado
Ainda que tivessem tido
Um daqueles dias puxados.

Com um sorriso diziam
Ao Senhor muito obrigado
Por ter ao lado a família
Pois esse é o maior legado.

Na hora da refeição
Muitas vezes, quase nada
Todos se sentavam ao chão
Aquela hora era sagrada.

Após a ceia
Era hora da gargalhada
Uma fogueira acesa
E uma esteira rasgada.

A contar adivinhação
Lenda e conto de fada
Viajava na imaginação
E sonhava acordada.

E assim passava o tempo
Que a gente quase nem via
Mas tinha que ficar atento
Pois logo o dia amanheceria.

Todos iam descansar
Até porque já sabiam
Que tinha que acordar
Com o clarear do dia.

Logo cedo saía
Com destino ao roçado
E todos já estariam
Com tudo preparado.

O tempo passou e fico a memorar
Das brincadeiras que havia por lá
Hoje, está cada um num diferente lugar
E me faço de forte para não chorar.

Ponho-me a recordar
Era a coisa mais divina
Não tenho do que reclamar
Do meu tempo de menina.

O brilho de uma estrela

Josefa Lizete

Sei que não sou poeta
Isso não posso negar
Mas nesse singelo gesto
Estes versos quero te dedicar.

No final de um belo dia
Parei para descansar
E naquele meio tempo
Encontrava-me a sonhar.

Naquele sonho eu via
Uma estrela a brilhar
E logo me perguntei
Que nome poderia dar.

Então olhei para o céu
E vi a estrela-guia
Assim me decidi
Mary ela se chamaria.

E do seu lado eu via
Nuvens negras a se aconchegar
E o desejo delas
Era seu brilho apagar.

Ainda que muito quisessem
Não havia com o que se preocupar
Pois assim como a estrela-guia
Seu brilho sempre existiria.

O talento

Josefa Lizete

Não sei se é real
Ou só imaginação
Se faltou o ideal
Ou a disposição.

Como um tal empregado
Que recebeu um talento
Mas sentiu ressentimento
E o deixou enterrado.

Tomando providência
E agarrando as oportunidades
Com coragem e persistência
Conquista-se a prosperidade.

Utilizando deste dom
Que de bom grado me foi dado
Floresce a imaginação
Para bons frutos serem gerados.

Ao Senhor peço o perdão
Se meu talento deixei guardado
Que aquilo que me destes
Não permita ser tirado.



Maria Benedita Gomes

Sou nascida em São Sebastião do Paraíso-MG, fui morar e trabalhar em Santos-SP com 26 anos de idade, onde também conheci meu marido, logo após, me mudei para São Paulo onde tive dois filhos, e não parei por aí, em 1994 nos mudamos para o interior de SP para a cidade de Araras-SP onde resido até hoje. Sou aposentada, em minhas horas livres gosto muito de me dedicar a escrita e pinturas também, tenho o hábito de ler muitos livros, buscar culturas e conhecimentos já que não possuo nenhuma formação acadêmica, sou apaixonada por flores, cultivo muitas em casa principalmente orquídeas.

E-mail: mariabenegomes52@gmail.com

Volume 1

A Cura

Maria Benedita Gomes

Sem conseguir dormir
Ajoelhei-me para pedir
A Deus fiz uma oração
E alívio para o coração
No profundo do meu ser
Estava amargurado
Antes do amanhecer
Vivi um sonho inspirado
Através de um túnel iluminado
Por seres fui guiado
A uma dimensão radiante
De beleza deslumbrante
Seres com energia de luz
Serenos como o rosto de Jesus
Tudo era perfumado
As flores e o vento
Por eles fui curado
Da alma e do pensamento!

Adão e os seus

Maria Benedita Gomes

Acredita-se ser Capela
Um planeta evoluído
E para o planeta Terra
Vieram os excluídos
Para alguns, os anjos caídos
Planeta selvagem
Em plena transformação
Capelinhos chegaram
Com dura missão
Transformar os primatas
Começar uma nova civilização
Essa era a incumbência de Adão
Quando a terra foi formada
Pela vontade do Supremo
Criar uma nova raça
Dar chance de evolução
Deus só não deixou claro
O tamanho do problema
Que passou para Adão
A idéia de paraíso só foi ilusão
Viver neste planeta
Faz-se necessário
Capacidade de persuasão
Manipular as idéias contrárias
Com muita pretensão
Eva ensinou tudo isso para Adão
E mostrou como é fácil
Cair em tentação
Todo Ser tem seu destino
Com Adão não foi diferente

Volume 1

Veio à este mundo
Plantar sua semente
Cada um com sua escolha
Mas somos seus descendentes.

Além do universo

Maria Benedita Gomes

Alma livre solta ao léu
No universo desconhecido
Lua, estrelas e o céu
Um amor nunca esquecido
Além da vida ou morte
Ultrapassa tempo e espaço
Quero muito ser forte
Ter novamente seu abraço
Uma linda história
Como outra qualquer
Reencontra-la na glória
Não importa quando vier
Depositarei rosas perfumadas
No altar da divindade
Enfeitarei as escadas
Para levá-la pela eternidade...

Volume 1

Amor é Magia

Maria Benedita Gomes

Você é luz que atrai
Uma chama que incendeia
Da mais vida a minha vida,
Mais brilho no meu olhar
Como estrelas a brilhar
Nobre os sentimentos
Nos belos olhos do amante
Seu abraço de ternura
É como o vento acariciante
Envolve corpo e alma
Para uma felicidade constante...

Caminhos diversos

Maria Benedita Gomes

Alma testemunha
De glória e fracassos,
Nada que eu supunha
Amor aos pedaços,
Andei por este mundo
Conhecendo o universo
Vaguei sem ser vagabundo
Por caminhos diversos,
A vida é surpreendente
Cada momento uma história
Ser feliz e independente,
Felicidade uma vitória
Nada de angústias no peito
Aprecio a aurora
Estar bem e satisfeito
Como estou agora
Vesti um manto de calma
Medito o que sobra
Chagas bani de minha alma,
Já não tenho juventude
Só a face do tempo
Sobrou a virtude
Beleza foi-se com o vento
Irremediável verdade
Nada faz-me esmorecer
Encaro a realidade
Espero estar calmo ao morrer.

Canção da alma

Maria Benedita Gomes

Doente da alma estou
Neurose, amargura o que restou
Um barco a deriva no mar
Amor agonizando sem ar
Sinto profunda dor no peito
Rasgado o contrato feito
Mergulho em nebulosas
Encontro espinhos e rosas
Que a alma encontre o caminho
Não quero andar sozinho
Espero amparo uma música pura
Uma mão sagrada trazer a cura
Farei uma viagem no tempo
Mudarei o silencio em vento
Tudo tem explicação
Para a mente e o coração
Deus?
Minha alma tem salvação.

Lamento

Maria Benedita Gomes

Noite fria e escura
Ventos fortes arrebatadores
Abri os olhos para este mundo
De infíéis e pecadores
A cama singela e pequena
A mãe exausta e serena
Feliz pelo ser que nascia
Sem saber o medo que eu sentia
O vagido fraco e triste
Lamento saber o que existe
Recusei-me nascer sem ter felicidade
Fui convencido pela divindade
A pior provação é ser consciente
Do caminho a trilhar
Sacrifício resignação, pobreza
Ser humilde sem cobiçar a riqueza
O esquecimento virá com o tempo
Não sei o que é pior
Esperar, cair, levantar,
Ou ser levado pelo vento.
Vivi glórias e opulência
Em todas elas perdi a inocência
Viveria tudo novamente
Prefiro ser feliz a ser inocente
Lamento a vida que me espera
De miserável a sofredor
Melhor ser rico e pecador

Meu esposo

Maria Benedita Gomes

O homem de minha vida
Em você encontrei
Foi no primeiro olhar
Eu me apaixonei
O amor veio fácil
Com sua doçura e gentileza
Com você ao meu lado
Dei adeus à tristeza
Tornou-se meu melhor amigo
Meu esposo, amante e irmão
Formamos uma família
Numa bela união
Nos filhos é a recompensa
Nascidos desse grande amor
Superamos as diferenças
Dando à vida mais sabor
Você é meu incentivo
Sou seu porto seguro
Estamos sempre unidos
Com esperança no futuro.

Meu Pai

Maria Benedita Gomes

Na garupa de seu cavalo pai,
Cavalgamos pelas campinas
A lembrança do pensamento não sai
Saudade de você e de Minas,
Pai, você foi meu abrigo e doce guarida
Lava-me a alma que chora arrependida
Deixei você só para viver minha vida
Valha-me com seu amor paterno
Guia-me nos caminhos escolhidos
Depois de longamente haver corrido
Belas tardes passei ao seu lado,
Nunca lhe disse o quanto é amado
Muitas histórias, tinha para contar,
Algumas delas de arrepiar
Distraía meu coração
Assanhava minha fantasia
Era meu lenitivo, seu poder é simpatia
Conceda-me outra vez seu agrado antigo
Saudosa, sinto-me um misero banido
A tristeza que sua morte me causara
O belo campo de manhã tão clara
Cobriu-se de triste sombra a sepultura
O pranto, a queixa, a solidão são duras
No meio agora desta cova escura
Guardarei na lembrança sua figura
Seus afagos, sorrisos e ternura
Seu olhar de luz pura.

Quero viver

Maria Benedita Gomes

A memória de minha consciência
E um paraíso perdido
Alberga conhecimento de experiência
De um amor não correspondido
Uma estrela em minha vida
Que iluminava meu caminho
Descobri tarde na despedida
Fiquei para traz sozinho
Tudo ficou diferente
Sem perspectivas de futuro
Nem o sol é mais refulgente
Estou só e inseguro
As noites são mais frias
Sem calor do seu abraço
As manhas vazias
Nem sei o que faço
Se vou embora
Esquecer o amor de outrora
Nada faz sentido, não passa a hora
Não vejo mais beleza na aurora
O céu escureceu
Não sinto o perfume das flores
O canto emudeceu
Não vejo a beleza das flores
Minha vida ficou preto e branco
Neste mundo perdido
Não vou mais derramar o pranto
Vou viver o que não tenho vivido...



Maura Luza Frazão

Maura Luza Frazão, é maranhense, reside em São Luís. MA. Pedagoga/Psicopedagoga. Professora da rede pública maranhense. Embaixadora da Paz Mundial no Brasil, título recebido do World Librery Forum For Peace And Human Right, concedido pelo Honorável Senhor Eagle Gold – México. Autora do livro de poemas SPINAS “Nuances de Uma Essência” pela Editora Versejar –2021. Confreira da ALIPE (cadeira 89); Membro da AMEI; Membro da ABPS. Comenda de Honra ao mérito Ludwig van Beethoven – Jubileu 250 anos; Diploma de Mérito Literário Ludwig van Beethoven em destaque e reconhecimento por sua honrosa contribuição na arte literária, engrandecendo nossa cultura e sociedade – Mundo Cultural Word 2021.

Minha essência

Maura Luza Frazão

Muitas vezes me sinto a divagar...
Em pensamentos e devaneios existenciais
Aprendi com o tempo a ser essa pessoa
Que todos acreditam compreender
Uma pessoa amável e fácil de conquistar...
Amável sim..., contudo, fácil?
Nem pensar!

Muitas vezes preciso esconder
Minha essência de mulher forte
Num cenário onde a fraqueza
É protagonista
Permeado por pessoas lamurientas
Onde uma mulher firme...
E de ideais desmistificados de tabus
Precisa quase sempre...
Esconder a sua essência.

Muitas vezes me sinto
Cheia de espaços vazios
Inquieta com algumas certezas
Intrínsecas ao meu ser
Em alguns momentos
O arquétipo da mulher virtuosa
Em uma sociedade machista...
Em outros a menina... a mulher...
A esposa... a amante....
Ou então, apenas EU!
E minha essência real
E plena de mulher.

Muitas vezes me divirto pensando...
Me perco em meus devaneios...
E me pergunto
O que fariam todos à minha volta
Se pudessem me ver
Como verdadeiramente SOU?
Simplesmente mulher
Firme, forte, inteligente
Sagaz e com uma boa pitada
De alta autoestima
Que sonha com um mundo
Livre de limites de expressão!!!

Poeticidade latente

Maura Luza Frazão

Descobri novas formas de me expressar
Agora faço isso poeticamente
É uma viagem encantadora aos lendários
paralelos da imaginação
Aonde as palavras vêm e vão
Pulando do coração no papel
Artisticamente aos borbotões.

Essa mágica brincadeira
Me excita e me traz felicidades
Adentro outros mundos
Aparentemente inimagináveis
Falo do tempo, flores, fragrâncias
E sobre as pessoas que amo
Pinceladas daqui... bordaduras dali
Meus sentidos estão sempre desbravando.

Uma nova realidade
Que me acalma e me fascina
Pois sei que consigo transformar
Caminhos que à minha frente se descortinam
Sou feliz pela auspiciosa descoberta
Desse dom que carrego comigo
Não atentava para a existência
Dessa veia poética incrustada em
Meu destino de MULHER.

Sonhos de outono

Maura Luza Frazão

Sonho com um lugar especial
Daquelas paisagens de outono
Árvores enfileiradas
Ladeando extenso caminho.
Natureza em metamorfose
Folhas atapetando todo o chão
Laranjas avermelhadas
Marrons alaranjadas.

Olhando para todos os lados
Não vejo vivalma
Só aquele banco solitário
Suaves aromas amadeirados
Invadem minhas narinas
Exercitando minha calma.

Vou andando...
Inspirando...
Respirando...
Tudo ao meu redor me encanta
Aquele cenário sempre foi parte
Do meu subconsciente
Um pedaço de mim
Em meu interior sempre presente.

Anseios primaveris

Maura Luza Frazão

Projetei minha doce primavera
em suaves fragrâncias para poder encantar-te
Cada passo que eu dava aumentava
o descompasso
Não atentava para o grande perigo dessa
minha ingênua pretensão
O feitiço virou contra a feiticeira
Teus encantos me envolveram
Virei tua presa desde então.

Quanto mais os aromas se misturavam
Mais os espinhos das rosas me perfuravam
Aqueles pétalas, todas esmagadas
Naquele espaço que deveria ser teu cativeiro
Acabaram murchando tão rápido
Transformando-se num imenso nevoeiro

Assim... Minha projeção de primavera
Saiu dos trilhos
Assumindo outras formas
Pulando etapas em desabalado desalinho
Verão, outono não foram consultados
Nesse bailar completamente desritmado
A primavera cedeu seu posto
Um inverno intensamente gelado
Chegou com gosto.

Idílicos acordes

Maura Luza Frazão

Acordei em idílico cenário
Bucólico surreal
Com uma sensação de pertencer
A outros tempos, época diversa
Como se vivesse outra vida,
Outra pessoa, outra história.

Minhas vestes diáfanas
Em cores claras monocromáticas
Eram parte daquele cenário de sonhos
Uma orquestra
Uma dança
Um amor
Semelhante a um jardim mágico mítico
Muitas flores, borboletas, beija-flores,
Fadas, duendes, gnomos

Uma mística névoa adornava a magia
Daquele espaço musical e sedutor
Os acordes emanavam sentimentos
Me transportando às boas lembranças
Dá mais tenra infância
Naquela humilde casinha lá no interior.

Sempre adorei
Aquelas notas que fluíam
Dos acordes que reverberavam
Do saudoso trombone de vara
Quando meu pai se exercitava
Para os muitos bailes
Nos quais se apresentavam.

Volume 1

Ele era mentor e Maestro
Da única Orquestra da pequena
Cidade de Monção no Maranhão.
Era sempre um orgulho para todos nós
Sermos filhos de um dos musicista
Mais talentosos daquela região.

O meu amor

Maura Luza Frazão

Antes de conhecer você
Sentia algo faltando
Minha vida era cheia de “Se”
E “quando”
Estava sempre esperando.
Se isso...
Se aquilo...
Quando eu fizer...
Quando eu puder...
Quando algo vai acontecer...

Então, conheci você
E a magia aconteceu
Você entrou em minha vida
E completou meus espaços vazios
Para sempre serem só seus
Um parceiro de travessuras
Bordamos e pintamos
Cheios de desejos e emoções picantes
Que tornaram minha vida
Mais e mais interessante!

Você adentrou a minha vida
Sacudindo meus conceitos e preceitos
Desnudando a minha alma
Deixando-me sem defesa
E o coração em êxtase.
Você trouxe amor
Alegria e poesia à minha vida
Antes tão sem propósito e vazia

Volume 1

Amar você é prazeroso e emocionante
E só melhora a cada dia.

Você é perspicaz e enigmático
Preciso sempre ler nas entrelinhas
Para te perceber por inteiro
Esse movimento é sempre estimulante
Revelador e verdadeiro!
Descobrimo a cada dia
Uma nova faceta tua cativante
Tornando a nossa vida
Ainda mais completa, excitante!

Viver com você e saber
Que tenho alguém ao meu lado
Para partilhar meus sonhos
E todas as situações felizes e adversas
É sempre reconfortante.
Deixo aqui registrado
Como um legado de amor
Neste poema leve e solto
És tanto meu Porto Seguro
Quanto meu Mar revolto!



Mary Pinheiro

Marinalva Pinheiro dos santos nasceu em 10 de abril de 1973 em Arapiraca-Alagoas e residente em Lagoa da Canoa-Alagoas. É Pedagoga, Psicopedagoga, cursista de Letras, Professora e Secretária Escolar no estado de Alagoas. Foi vencedora do I concurso de contos e poesia de Arapiraca-AL em 2020 e é autora do livro: "**Para não ter medo da morte**", lançado em 2019. É membro da UBE – União Brasileira de Escritores, núcleo Arapiraca e da Academia Internacional de Literatura e Artes “Poetas além do tempo” - AILAP. No ano de 2021, participa de diversas Antologias, entre elas: Encantos Nordestinos; Dona de Mim; II Antologia arapiraquense de escritores e convidados; I Antologia fortalezense de escritores e convidados, entre outras. Amante da literatura, busca em seus escritos trazer sempre reflexões críticas acerca de diversos temas sociais da atualidade.

Superação

Mary Pinheiro

Quando Anne Rouse conheceu Marcos Antônio, seu coração explodiu de alegria. No auge da mocidade, aquela jovem de sorriso fácil e cabelos longos trazia no olhar uma vivacidade esplêndida e uma alegria contagiante que enchia o ambiente. Após dois anos de caloroso namoro, casaram-se e Anne Rouse precisou recomeçar sua vida, deixando para trás amigos, família e muitos sonhos, pois foram morar em um lugar distante devido ao novo trabalho do seu esposo, que se tornara um executivo renomado, dedicando-se inteiramente àquele amor. A princípio isso não lhe parecia um problema, afinal Marcos Antônio a amava tanto, e estavam iniciando uma nova vida juntos. Além do mais, ele não suportava a ideia de que Anne Rouse convivesse com outras pessoas ou que tivesse amigos. Ela era linda demais para que houvesse *outros olhares* sobre ela.

Anos passaram-se e Anne Rouse começou a perder aquele brilho que lhe era próprio e seu casamento já não era mais o mesmo. Marcos Antônio agora era um dominador, suas atitudes mudaram e ela já se sentia “propriedade” daquele que amava. Mas havia um sonho que insistia em permanecer vivo dentro dela: concluir seus estudos e tornar-se uma grande profissional na área da saúde. Queria ser enfermeira, sonho antigo que fora adiado por mais de dez anos. Agora, com dois filhos, tudo seria mais difícil. Mas não impossível, pois quando se quer, há uma força interior que se move em determinada direção e impulsiona para tal realização.

Anne Rouse despertou e foi atrás do seu sonho, mesmo contra a vontade de Marcos Antônio, que agora só a reconhecia como a mãe, a dona de casa e de vez em quando,

a esposa, já que tinha várias mulheres aos seus pés. Anne Rouse não se deixou intimidar. Conseguiu bolsa de estudos para o curso de enfermagem que tanto almejava e estudou incansavelmente, apesar de todas as dificuldades presentes. Sofreu diversos tipos de violência no seu relacionamento que, aos poucos, tornara-se abusivo. Foi ameaçada, humilhada, desacreditada. Mas suas lágrimas regavam seu sonho e as noites mal dormidas o acalentava, enquanto seu esposo, curtia as noites recheadas de belas mulheres e caros vinhos, e ao chegar em casa a ignorava completamente. Mas ela estava ali, firme no seu propósito.

Ao chegar finalmente o grande dia, a realização do seu sonho, sua formatura, Marcos Antônio tinha um compromisso inadiável e não estava lá, mas já não fazia falta. Anne Rouse redescobrira sua verdadeira essência de ser mulher independente, que já não aceitaria tecer a vida sob o véu do *faz-de-conta*, mas queria ser ela mesma, com suas vontades, amor-próprio e decisão. Assim, curtiu a noite pela primeira vez depois de mais de uma década, junto aos seus filhos. De volta à casa, deixou uma carta de agradecimento a si mesma para Marcos Antônio, informando que iria seguir a vida com seus filhos, que agora era uma nova mulher, a profissional que sempre sonhou e que jamais voltaria a ser humilhada em um relacionamento fadado ao fracasso que não foi capaz de reconhecer o outro como um ser único capaz de ter vontade própria e decisão. Sim Anne Rouse nos ensinou o que é *superação*.

Fios de prata

Mary Pinheiro

Como em noite no sertão, surge a lua em seu clarão
Presenteando o universo com seus fios de prata
Dividindo com as estrelas o luzeiro entre a mata
Enfeitando os terreiros e alegrando o coração.

Assim surge majestosa a mulher de alguns anos
Fios de prata enfeitam seus cabelos tão bonitos,
Fruto da experiência de tantos anos vividos
Alegrias, esperanças, encantos e desencantos.

Como a lua prateada enfeita todo o universo
A mulher enfeita o mundo com beleza singular
Tem o dom imensurável de nossa vida alegrar
Com seu amor tão perfeito, nos preenche por completo.

Fios de prata completam a beleza natural
Chamam de “cabelos brancos” este manto de outro dia.
Entre seu sorriso brando, todo ternura e de magia,
De histórias está repleto, sabedoria sem igual.

Nossas mulheres não perdem com o tempo, a beleza.
Fios de prata retratam lutas e sonhos vividos
Que com o tempo, sábio amigo tem somente aprendido
Mais amor, mais abundancia e mais saber, com certeza.

Loucura, saúde da alma

Mary Pinheiro

Dizem que a loucura,
A insanidade
Sufocam a alma.
Afirmo sem medo
Que o devaneio
Sem par, me acalma

Se é loucura sonhar,
Sorrir e cantar
Como uma criança,
Desejo, deveras
Nessa loucura estar.
Eis minha esperança.

Somente os loucos
Chamados de bobos
A vida, suportam
Em seus devaneios
Trazendo em sua alma
As coisas que importam.

Por isso o poeta
Insano, imprudente
Em suas arguras
Levam para o mundo
O que o mundo traz
Em suas loucuras.

Falando de temas
Que por sobre tremas
O mundo esconde,
O poeta grita
E faz a denúncia
Por toda a sua vida

Loucura, loucura,
Abraça- me amiga,
Vem ser o meu par.
Nesta dura vida
Meus fardos, amiga,
Ajuda a suportar.

Em seu doce regaço,
Me pega, me acolhe,
Me escolhe, me acalma,
Pois tu, oh! Loucura,
Sois mesmo a saúde
Real de minha alma.



Mira Neves

Miraselma das Neves Sardinha (Mira Neves), amapaense, nascida em 06/07/1975. Professora da educação básica, séries iniciais, apaixonada por livros infantis, participante de várias antologias. Amadora na arte da escrita.

Sexta-Feira

Mira Neves

Tua mensagem dizia: - Nos vemos sexta-feira, depois do almoço.

Às vezes imagino que aquele encontro, daquela sexta-feira, aconteceu exatamente como combinamos. Você me esperou próximo à universidade, longe dos olhares curiosos, enquanto eu saía disfarçadamente tentando escapar dos mesmos olhares. Entrei no teu carro não baixaste o vidro, não abriste a porta para mim, desta partida sem dizer nada, eu tão pouco, dirigia apenas para sairmos dali, antes que alguém nos visse.

O que teria acontecido se tivesse ido no encontro, aonde teríamos ido, de onde teríamos partido, que ruas teríamos percorrido, eu teria olhado o trajeto? como chegaríamos no local, o que diríamos no caminho? Eu entraria no carro, você nervoso, me abraçaria de surpresa, tocaria meu rosto olhando firme em meus olhos, quanto ternura em seu olhar apaixonado.

Ah, como imagino esse momento repetidas vezes, todos os dias, de forma diferente, a doçura dos teus olhos. Tenho a impressão de que nunca estive no teu carro, nunca nos olhamos. Se ao menos eu tivesse um bilhete teu, dizendo que adorou nosso encontro, onde você deixaria esse bilhete se tenho quase certeza de que nunca nos encontramos.

Se eu nunca estive no teu carro como te sinto toda vez que respiro? Quantas vezes por dia? não conto, apenas te deixei entrar e agora como faço para que saias da minha vida? queria não inspirar, mas se não inspiro queres sair, furando as paredes do meu corpo, ficando as unhas em minhas carnes fugindo sufoco. Por que não saís pelos poros? Porque tens que rasgar minha carne deixando buracos. Já

não sou inteira desde o dia que entrei no teu carro, sou furos, rasgos.

Ando por aí sendo invadida pelos ventos que não ficam, entram e saem pelo grande poro que me tornei, está aqui no meio do peito, como um grande redemoinho que suga tudo, nada fica, suga na esperança que tu esteja nesse vento, em alguma parte do mundo.

Será que estas no mundo? Será que ainda estou no teu mundo? Sei que não estou, nunca estive. E esse sopro de vida que invade minha nariza quando respiro, eu sei que és teu, é bom, é paz, angústia, calma e dói. Só tu consegues ser o tempo da dor e paz. A propósito pensas no nome do lugar que fomos? Também pensas o que teria acontecido se tivesse ido no encontro?

Lembras, combinamos uma semana antes que na próxima sexta nos encontraríamos depois do almoço, muito antes de irmos à universidade. Já imaginei como te olharia, depois do encontro, o que sentiria, olharia com olhar perdido para o tempo? Sentiria um nó na garganta? Minha boca secaria? Minhas mãos frias, como na primeira vez que te vi.

Tem certeza de que não fomos aquele lugar, onde mesmo que iríamos? Não dissermos, isso não combinamos. O que teria acontecido se ao entrar no teu carro tivéssemos ido a algum lugar, teria paredes, teto? Teria uma porta para abrir além dessa que se abriu para entrares em mim e nunca mais sair? Tentarias rasgar a porta, ir embora? Choro, não consigo não chorar, agora, porque rasgaste todas as paredes, saíste, estas presas em mim, envolto no vazio que é meu poro, prende instantaneamente tudo que és para rapidamente te deixar sair, não ficas, não queres, não atendes minha súplica, fica!

Por que me olhas assim? Me sinto em maresia, a deriva. Se me olhas, logo desvia o olhar, se é tudo que tens para mim, por um segundo, me olha, misericórdia, enquanto

ainda respiro! Queria não respirar, mas como maldição respiro eternamente para entrares e como um sádico sair. Por que não sai de mim educadamente, seria por que não te deixei entrar de maneira educada? Não pediste para entrar, entraste. Não, te joguei para dentro de mim, te empurrei no abismo que sou, sem perguntar se querias cair para sempre. Sim, digo que não querias, nunca pediste nada. Então por que chegaste repentinamente, tormenta sem previsão escapada da meteorologia, como não te previ? Só lembro da tua chegada, foi mansa, gradual.

Chegastes? Não sei, tem hora para chegar? Queria fugir daquela hora. Era agosto, o mês está correto, não esqueci, e o dia, por que não lembro o dia? Anotei na agenda, no diário. Querido diário, hoje dia ...de agosto de 2016 às 18:30, conheci o homem da minha vida, ou seria da minha morte? Não aceitas, porque querido diário, falta o dia da semana.

Querido diário,

Escrevo para que lembres quando eu quiser esquecer, lembra comigo que dia foi que conheci o homem que rasga minha carne, como uma hiena rasga os restos, esperados pacientemente por sua indisposição. Lembra comigo, lembre-se que meus restos ainda estão aqui. Conheci um abutre, naquele dia, não era dia, já era noite. Não era um abutre, deixou os restos de carne que rasga, mas não a quer, não foi ao encontro.

De quem foi a ideia do encontro?! Minha, todas as ideias sempre foram minhas, ele nunca me olhou, eu que olhei. E como ele enviou a mensagem marcando o encontro na sexta-feira? Foi uma resposta, não uma confirmação.

Quando penso que o mundo está lá fora, tu também estás lá. Quero te odiar, porque não queres ficar aqui, preso

em mim, fugiste do abrigo que seria meu amor. Aqui, em mim, não sentiria frio, seria teu sol, não sentiria fome, te alimentaria de mim. Por que rasga minha carne, mas não come? Nunca quiseste os restos de carne que fui. Vem te abrigar no meu colo, perfura meu peito com teu amor, o pulsar do meu coração se arrasta em batimentos fracos, se tu viesses seria o nascer do sol no sol, suportaria o calor, aqueceria tua alma. Eu seria para ti a luz.

Suporta apenas tocar meu braço com essa mão de esperança, forte, que não escreve bilhetes de sim nem de não. Penso... Sempre foste a sensatez, a calma, a hora exata, chegaste pontualidade, nunca faltaste nem nos dias de agonia da tua vida, sempre foste correto, exato, ousou dizer que até perfeito. Somos diferentes, dois ares incompatíveis, dois gases que não ocupam o mesmo espaço, não há troca gasosa entre em nós, quando estamos juntos, inspira para que eu respire, o que queres, minha morte?

Desejas que eu não exista. Não queres lembrar da vergonha que foi marcar um encontro. Ainda tenho tua mensagem, aquela que dizia: - Então nos vemos sexta-feira, depois do almoço. Ainda guarda as mensagens? Eu respondo, deixa que eu respondo por ti, eu sei que tu me ouves, não guarda, apagou na mesma hora, deve ter sido por isso que não foste, esqueceu porque apagou a mensagem.

os olhares curiosos poderiam ver, eu sei, tu não querias que ninguém visse, era coisa só nossa. Quando eu me sentava bem na tua frente sabias que eu olhava por baixo do olho, eu sei que tu sabias, tu me olhavas dizendo: — Que fazes, por que fazes? Vamos sair daqui, agora? Não, dizia sem dizer só para me provocar, nunca sairia naquela hora, daquele lugar, jamais levantaria da sua cadeira pegaria minha mão e sairia me arrastando para o lugar dos meus sonhos, não és dado a impulsos, sempre sereno, habitual, dizia sim por não saber dizer não sem magoar.

Ja disse que te odeio, hoje? Te odeio; mil e uma vezes e amaldiçoou aquele fim de tarde que respirastes, preciso amaldiçoar, na tua língua, como Caliban, devo dizer maldições para fingir que te odeio, não queria que estivesse aqui, agora, abrindo esta porta solidão, derrubando-a, está trancada com chave perdida, me tomando de assalto, assustando, não me assusta, te espero. Te vejo entrando, porta abaixo, pisando a madeira, caindo exausto, pelo esforço, diante do meu corpo esquelético, pelo tempo da ausência, da tua inspiração, inspira, enche meus pulmões desse gás venenoso, impróprio, que só a mim destes. volta todos os dias para inflar minha alma e secar meu rosto.

Diz, cheguei, estou aqui, me ensinaste a ser menos covarde, levantei-me da cadeira em vim, ainda me esperava? Foi covardia não ter ido no nosso encontro, era nosso, eu tive a ideia, mas você respondeu que sim, não estava escrito sim, nem não.

Me diz, como é ser olhado de longe, todos os dias te olho, a sensação é estranha? Como é ser espionado, vigiado, seguido? Como é olhar para trás e ver meu vulto escondido atrás de uma esquina? Se você viesse eu não precisaria te seguir, se ficasse, não sentiria essa sensação perturbadora que é andar olhando para os lados e ter que descobrir, estou lá.

Porque estas aí parado diante de mim e não dizes nada, sempre tenho que dizer as coisas por você, porque não fala. Deixe que ouçam tua voz, diga qualquer coisa que me tire desse tormento que é teu silêncio, tua ausência na sexta-feira depois do almoço. Não há uma sexta-feira depois do almoço que não pense que estou saindo para te encontrar, só me diga por que não foi, por que deixas que eu sempre responda por nos dois? Eu quero continuar te odiando todas as sextas-feiras e todos os dias até que essa saudade consuma toda lembrança que tenho do nosso não encontro,

quero esquecer e lembrar que nunca senti teu afeto, quero não perder a memória, manter a esperança de que outras sextas-feiras virão e você estará lá. Não, outro dia da semana eu não quero, já o impulso não te permiti confirmar com o sim, permanece na ordem que é tua vida, inabalável por não deixar que te respire mais uma vez.

Vago durante horas tentando lembrar teu sorriso maroto, até consigo sorrir contigo, tua camisa cinza de lã, minha preferida, teu jeans desbotado, teu sapato preto, esporte fino. Queria dizer que amo esse jeans velho desbotado. Um arrepio frio me invade, meu rosto pálido, cadavérico, vejo no espelho, sou uma folha seca, caída, apartada da árvore, jogada, soltada dos galhos, partida ao chão, ressequida, esfarelado, soltando pedaço por pedaço, bem devagar, como extraído por uma ponta de pinça minúscula, microscópica, torturante. Pega essa folha seca que sou, queima, acaba, mostra o fim das coisas, tudo tem que ter um fim, o final é necessário para novo começo, sem que começasse. Sei, você é totalmente previsível, como todos os corretos, só eu não conheço o começo, o caminho de volta, volta comigo, mostra.

O que queres de mim, lembrança? Que horas são? Me acende um cigarro, talvez a fumaça me ensine a respirar melhor, talvez ela te plasme, solidifique tua imagem nebulosa e me apague de vez levando-me junto com ela. Que eu desapareça na névoa soprada depois da primeira tragada. Acende logo esse cigarro, deixe que a fumaça nebulosa, espessa, tragada por mim me consuma.

O que você sentiu quando me viu diante do portão da tua casa? Não, eu não ia bater, queria te dizer que você é a razão que me faz não amar mais a primavera, não mais recolho flores, não rego meu jardim. Não, não ia bater no teu portão para dizer isso, mas já que estás aqui na minha frente, quero que saiba, não amo mais as flores.

Volume 1

Queria ouvir um som de rouxinol, agora, fazer meu último pedido, queria estar diante dos portões celestiais, mas estou aqui diante de ti.



Nanda Araújo

Natural de Belo Horizonte, reside com a família em Lavras, sul de MG. Formada em Administração Pública pela Universidade Federal de Lavras. Sempre gostou de ler e descobriu sua paixão pela arte escrita, ainda na infância. Acredita que através das palavras é possível transmitir ao mundo um pouco mais de amor e leveza, de maneira a atenuar suas asperezas. Participou de mais de 30 antologias e possui um livro publicado. Atualmente, cursa sua segunda graduação em Engenharia Florestal.

Sobre ser forte

Nanda Araújo

Forte não é aquele que vence o seu adversário, mas sim, aquele que vence a si mesmo.

Engana-se quem pensa que o forte nunca se cansa.

Engana-se aquele que vive de aparências, ao invés de preservar a sua essência.

Forte é aquele que acredita na sua fé, pois ela é o ingrediente necessário, para perseverar e seguir sempre de pé.

No decorrer da vida você encontrará muitos que o farão duvidar de sua própria capacidade, que farão de tudo para que desista de alcançar seus ideais e sugarão suas energias. Porém, cabe a você, não permitir que o desdém alheio vença.

Porque você também encontrará pessoas que te incentivarão e estarão com você durante toda a caminhada.

Essas sim, merecem a sua atenção, o seu amor e o seu reconhecimento.

Aprenda

Nanda Araújo

Aqueles que te sorriem, nem sempre desejam o seu bem. Aqueles que dizem estar ao seu lado, nem sempre estão ao seu favor.

Aqueles que te parabenizam por uma conquista alcançada, nem sempre vibram na mesma frequência que a sua.

Aprenda que, por vezes, a maldade se veste de bondade, só para confundir a sua verdade.

Que ser solidário é um ato de gentileza e amor a quem nada espera. Que para praticar caridade, não é necessário plateia.

Que crer em Deus, independe de religião.

Que a vida é rara, para ser desperdiçada.

Que algo só nos atinge, quando assim, consentimos.

Que perdoar nos paz e libertação.

Aprenda que errar é preciso, mas permanecer no erro é tolice.

Que ir à luta com coragem e determinação, faz parte do processo de evolução.

Que é possível usufruir da liberdade com disciplina e responsabilidade.

Aprenda que tudo na vida tem o seu lado bom e o seu lado ruim, para tanto, basta distinguir, qual será o seu fim.

Saiba valorizar quem te valoriza

Nanda Araújo

Jamais mendigue amor ou atenção.

Jamais perca o seu precioso tempo, correndo atrás de quem não está nem aí para você. Por quê?

É bem simples... Não vale a pena!

Pior do que fazer de tudo para ser notado, é tornar-se órfão de si mesmo.

Tudo que precisa ser cobrado, não vale o desgaste.

Aquele que realmente te merece sempre estará ao seu lado, jamais, atrás ou a frente.

Se acaso você tiver de rastejar, para que alguém te enxergue, é sinal de que esse alguém não se importa com você.

Então, deixa ir! Mais cedo ou mais tarde, a vida se encarregará de colocar as pessoas certas no seu caminho.

Enquanto isso, apenas, prossiga!

Não olhe para trás, nem para as coisas, nem para as pessoas que ficaram.

Faça o seu melhor e seja paciente.

Saiba valorizar quem está com você, ao seu lado, independente do que for.

A gente se cansa

Nanda Araújo

Chega um determinado momento da vida em que a gente simplesmente se cansa...

Seja de caminhar a esmo ou de pessoas que nunca deram um passo a frente por si mesmas.

Chega um determinado momento em que a gente se cansa de dar tantos passos errados e decide seguir viagem, sem carregar pesos desnecessários.

Chega um determinado momento em que a gente apenas deseja ter um pouco de paz e caminhar ao lado d'Aquele que nunca nos abandona e sempre nos acolhe em Seu terno abraço de Pai.

Para longe de nós toda a negatividade

Nanda Araújo

Mande para bem longe toda a negatividade a você lançada.
Aprenda a filtrar o que é bom e a abstrair o que rouba a sua
paz de espírito e o seu sorriso.

Transmita ao Universo boas energias.

Elimine o que não te serve mais.

Mantenha ao seu lado pessoas que somam e agregam
valores.

Afastese de quem em nada te acrescenta.

Dê asas aos seus sonhos, e, se possível, realize-os.

Não os deixe trancados numa gaveta.

Viva os sentimentos integralmente.

Abrace a vida com vontade. Sinta-se vivo.

Estenda a mão àquele que precisa.

Seja a palavra que edifica, e não, o muro que divide.

Não se preocupe em agradar a todo mundo.

Ame a si mesmo e valorize aqueles que te valorizam.

Faça sempre o seu melhor e agradeça as bênçãos de Deus
em sua vida.

A escolha está em suas mãos

Nanda Araújo

Escolher qual caminho ou direção a seguir, nem sempre é uma tarefa fácil.

É preciso muita coragem para saber lidar com as pedras e os espinhos que encontrará no decorrer da caminhada.

É preciso muita sabedoria para vencer os medos e superar os obstáculos durante a travessia.

É preciso apurar o olhar para contemplar as flores e o novo horizonte que se apresenta logo adiante.

Ao traçar a sua trajetória, que você seja paciente, para esperar o tempo de cada coisa.

Que você seja leve ao dar cada passo.

Que você seja flexível, para não cometer injustiças.

Que você seja perseverante, para acreditar na realização dos seus sonhos.

Que você tenha serenidade, para transmitir paz a quem precisa.

Que você tenha fé, para prosseguir.

Que você tenha esperança, para confiar num amanhã próspero.

Que seu caminho tenha as cores do amor e da alegria, para enfeitar a sua vida todos os dias...

Recomece sempre que necessário

Nanda Araújo

Você pode ter inúmeros defeitos e se irritar de vez em quando, ou até mesmo, sempre. Só não esqueça que você é o único responsável pela sua vida e pela sua felicidade.

Ser feliz é encontrar nas adversidades, força para lutar e prosseguir a sua jornada. Ser feliz é reconhecer que apesar dos pesares todos, a vida vale a pena.

Ser feliz é deixar a sua zona de conforto e se arriscar um pouco mais. Ser feliz é sair do papel de vítima e assumir as consequências dos seus atos.

É atravessar alguns desertos, mas encontrar abrigo em sua alma. É ser grato a Deus todos os dias pela dádiva da vida.

É expressar o que sente, sem receio ou meio termo. É saber ouvir uma crítica e tirar alguma lição dela.

É ter coragem para se levantar, após qualquer queda. É saber que a vida é repleta de espinhos e não ter medo de vivê-la.

É saber que por mais pedras que encontre no caminho, você é capaz de retirá-las e construir o seu próprio destino.

Sobre maturidade

Nanda Araújo

Quando adquirimos maturidade?

Quando acordamos para a vida.

Quando deixamos o vitimismo de lado e enfrentamos os próprios medos, sem nos acovardarmos perante os desafios.

Quando admitimos um erro e não medimos esforços para consertá-lo.

Quando aceitamos as nossas imperfeições e as reconhecemos no outro, sem apontarmos o dedo.

Quando nós percebemos pequenos, perante a grandeza de Deus.

Quando deixamos a ignorância, a ganância e a soberba para trás e encontramos no Senhor, a sabedoria que tanto precisamos.

Amadurecemos, não da noite para o dia, é um aprendizado a longo prazo.

Porém, temos de ser corajosos o suficiente para vencermos um grande adversário: “Nós mesmos!”

Aprendizados de vida

Nanda Araújo

Mais cedo ou mais tarde, a vida dá um jeitinho e nos golpeia de alguma forma, seja derrubando muros; revelando faces; afastando pessoas; desmantelando cartéis; fechando portas; abrindo outras; expandindo a nossa visão de mundo; construindo pontes e criando oportunidades.

Essa é a melhor maneira que a dona Vida encontra para nos ensinar e nos preparar para enfrentarmos as inúmeras batalhas que teremos pela frente.

Nem sempre venceremos, muitas vezes, cairemos, mas com força de vontade e persistência, levantar-nos-emos e seguiremos adiante, rumo à vitória.

Nada na vida é fácil, por isso, todo esforço é necessário para conquistarmos o que realmente nos engrandece e nos faz evoluir como seres humanos.

Portanto, tenhamos em mente que, tudo o que precisamos para sermos felizes está ao alcance de nossas mãos, basta sabermos apreciar com mais carinho e atenção o horizonte e valorizar cada lição.



Nauza Luza Martins

Nauza Luza Martins é maranhense, reside em Brasília/DF desde 1982, onde constituiu família (tem três filhos) e carreira profissional como Assistente Social concursada do GDF.

Livros solo de poemas: Jogo de Palavras/2017 e Interlúdio Poético/2020, Chiado Books. Coautora em 50 Antologias Poéticas. Escreve poemas e contos desde os 16 anos. Membro da ALIPE- Academia Internacional de Poetas e Escritores; e da AMEI- Associação Maranhense de Escritores Independentes; Embaixadora da Paz Mundial no Brasil-do World Librery Forum For Peace And Human Right – México/2021; Prêmio “Sou Mulher Poesia” da Academia Internacional Mulheres das Letras – abril/21; Comenda de Honra ao Mérito e Diploma de Mérito Literário Ludwig van Beethoven – Jubileu 250 anos – Mundo Cultural Word 2021. Instagram: @nauzalmartins

Lua de Vênus

Nauza Luza Martins

Sou como a Lua de Vênus cheia de ambiguidades
Viajo pelo universo nas asas da Mitologia
Também da Astrologia como uma estela cadente
Riscando o céu, deixando rastros transparentes
Aos olhos de quem vê purpurinas reluzentes.

A lua simboliza sensibilidade e encantamento
Referência ideal para os versejos dos poetas
Retrata a intuição, feminilidade e as emoções
Sua visão me inspira, me deixa extasiada
Ideias e palavras brotam aos borbotões.

Vênus o planeta tem seu nome originado
Da deusa romana do amor e da beleza
Espelha as intensas paixões, a alegria
A lua já foi vista orbitando em sua volta
Tem registros antigos na Astronomia.

Vênus na Mitologia grega. Afrodite na romana
Ideal de beleza feminina ela representava
Consta que é mãe de Cupido - Deus do amor
Fruto do caso extraconjugal com Marte
Deus da guerra com quem se relacionava.

Sou Lua, sou Deusa, sou Vênus. Sou Lua de Vênus.

Naquela noite descobri o amor

Nauza Luza Martins

Foram tantos pedidos às forças da natureza
Que me trouxessem um amor tanto esperado
Combinando com a aura dos meus visionários sonhos
Apelei para a leveza cariciosa do vento matinal
Ao colorido arco-íris que representa um pacto sagrado
A uma fascinante estrela cadente que rasgava o céu.

Ao esplendor do luar em noite de lua cheia
As ondas do mar e suas conexões cheias de possibilidades
Ao alvorecer luzente repleto de novas esperanças
Descobri que é preciso saber o que se quer
Ter atitude positiva, acreditar em si mesma
Pra encontrar aquele homem que te faça mulher.

Na Primavera, minha estação preferida
Finalmente te encontrei numa linda noite musical
Sons que vibraram no ar encantando meus ouvidos
Ao mesmo tempo em que nossos olhares se cruzaram
Um gostoso arrepio tomou conta do meu corpo
Te aproximaste e como mágica nossos olhares se fixaram.

Uma lufada de vento me trouxe teu cheiro
Másculo e envolvente com efeito vertiginoso
Precisei me segurar. Tu me alcançaste a tempo
Segurou meus ombros de um jeito vigoroso
Senti uma eletricidade no ar ao simples toque
Tua presença marcante me deixou em choque.

Naquela mesma noite, juntos, descobrimos o amor
Unidos pela magia da música - encontro de almas!

Serenata de amor

Nauza Luza Martins

Serenatas de músicas e poesias
Façanhas esperadas, na madrugada fria
Era o sinal que sempre me alegrava
Ele avisando que estava na cidade
Vislumbrava seus beijos e meu peito ardia.

Acordava, abria um lado da janela
O avistava firme em seu propósito postado ali
Coração disparado, quase saltando pela boca
Encantada, embevecida, apaixonada
Inesquecíveis momentos que vivi.

O tempo passa no ritmo do vento
Exige percepção, atenção com o que importa
Conforta ser amado, cuidado, mimado
Na seara do amor mesquinhez não tem vez
Receber, ofertar, dividir. Realiza, alegre e conforta.

O momento em que se rasga o véu do invisível,
Some a indiferença, assume a benquerença,
Entrega total de corpo e alma. Objetivo conquistado
O romantismo não sai de moda. Amar e ser amado
Serenata de amor com música e poesia, gostosa recompensa.

Beijos com sabor de sedução

Nauza Luza Martins

Ouçõ o badalar de sinos
Quando me beijas desse jeito
São tantos sons que deliro
Em êxtase me deleito.

Ouçõ o chilrear de passarinhos
Teus sons murmurando meiguices
Nossos lábios ávidos em regalo
Me desmancho toda em faceirices.

Teus beijos me afagam e seduzem
Enlevam tal qual um poema rimado
No silêncio das palavras não ditas
Me sinto num paraíso encantado.

Teu beijo tem sabor de quero mais
O meu - gosto de paixão e desejo
Deixa eu te afagar em meu regaço
Sinta as fagulhas do fogo do meu beijo.

Esperando por ti

Nauza Luza Martins

Vejo tantas pedras em meu caminho
São tantas distrações e motivos
Para entristecer minha alegria
Anuviar memórias, momentos já cativos.

Foste embora de repente
Levando consigo o verão
Minh'alma imersa em saudade
Com a chegada do outono
Clima ameno, folhas caídas
Como um tapete colorindo o chão
Embaixo da frondosa árvore
Onde antes sentados entre beijos e carícias
Revejo nossas fotos que agora coleciono.

Espero a tua volta ansiosa
Antes que tenha início
O solstício do inverno
E suas longas noites frias
Seguiremos nossos planos
De dormir e acordar juntos
Sem pressa nem correrias.

A magia dos livros

Nauza Luza Martins

Os livros são puro encanto e magia
Ferramentas de muitas utilidades
Promove o conhecimento, a criatividade
Exercício da escrita, deixa a memória ativa
Fundamental ao poeta em sua assertividade.

A leitura nos dá asas, liberdade de voar
Libera a imaginação criativa, a idealização
Para devanear e construir belas imagens
Fantasiar, sonhar, romantizar ao bel-prazer
Renovar as memórias com novas roupagens.

Livro é o melhor amigo e eficaz companheiro
Silencioso informante e fonte de poder
Em cada página lida um renovo de experiência
Pode aquietar a mente ou deixá-la alvoroçada
A leitura é sempre um ganho de valor e consequência.

Livros geram habilidades, instrumentos de condução
De uma boa conversa com destreza e precisão
Traz conhecimento da história, da cultura universal
Melhoria da escrita, torna o escritor sagaz
Em seu estilo de escrita e crescimento intelectual.

Cartas de adeus

Nauza Luza Martins

Tentei escrever cartas para te dizer adeus
Difícil esquecer teu rosto de beleza marcante!
Teus olhos expressivos de cores indefinidas
As linhas perfeitas de tua boca provocante.

Difícil escrever cartas para te dizer adeus
Ainda sinto teu cheiro em cada canto da casa!
Perco a visão por instantes frente ao papel em branco
Palavras sem nexos do meu âmago, arranco.

As cartas que escrevi para te dizer adeus
Foram desenhadas com lágrimas e orvalho...
As palavras brotavam, momentos meus e teus
Revolvendo minhas entranhas, sem nexos em retalho.

O vento da Primavera espalha as fragrâncias das flores
Desenhando tapetes das pétalas caídas
Onde antes nos deitávamos para contemplar a lua
Em qualquer de suas fases evoluídas.

Me vejo pensativa, sob nossa árvore postada
Lágrimas teimosas em meu rosto se misturam
Com pingos límpidos de orvalho que caem das folhas
Sinto que te perdi, por nossas próprias escolhas.

Sinto uma bruma leve e úmida, tua lembrança me envolve
Se entranha em minha mente, como uma melodia suave...
Memórias que me atormentam desde que te perdi!
Ainda guardo as cartas de adeus que te escrevi.

Gratidão pela vida

Nauza Luza Martins

O Senhor é meu Pastor e nada me faltará
Meu Salmo favorito desde a minha infância
Essa é minha mensagem de amor
Traz esperança e força em qualquer circunstância.

Sou poeta da alegria não me fixo na dor
Poetizo para inspirar, levar esperança e amor
Temos muito a agradecer nestes tempos de agonia
Ganhei uma segunda chance de espalhar alegria.

Agradeço pela vida a cada amanhecer
Pelas pessoas que amo, as que ainda vou conhecer
Todos merecem uma chance de ser feliz e sonhar
Ter chances iguais na vida e seus sonhos realizar.

Um dia vivido é uma vida que vamos aproveitando
Sempre existe algo bom para quem tem esperança
Pensamentos positivos mesmo nos dias difíceis
Fazem toda a diferença se houver perseverança.

Me alegro com a vida, coisas simples me comovem
Momentos apreciados, o sol, a lua, as flores
Meu coração é criança cada vez mais infantil
Pureza de alma e espírito, tenho pela vida amores.

Minha alma cigana

Nauza Luza Martins

Sou amante da lua
Sou deusa, Lua de Vênus
Vivo em qualquer lugar
Onde possa ser livre
Sou guiada pelo sol
Minha casa é onde estou
O vento me acompanha
A todos os lugares aonde vou.

Sou guerreira e lutadora
Uso minhas armas secretas
Em qualquer cidade onde passo
Deixo rastros e saudades
Aos amores conquistados
Sou terra, fogo e paixão
Me alimento de alegria
Ser feliz, eis minha vocação.



Neli Fonseca

Neli Fonseca. Pós-Graduação em Direito Previdenciário. Corretora/Avaliadora de Imóveis (CRECI /RS). Mediação e Conciliação de Conflitos (CEJUSC/RS). Escritora e Poetisa, quatro livros publicado. Membro da ailb nº 0192(Academia Internacional de Literatura Brasileira). Membro da Associação AJEB/RS. Participante de várias antologias, saraus poéticos nacionais e internacionais. Entre outros...

Gaúcha. Residente e domiciliada em Santa Rosa/Rs. Brasil.

A criança que há em mim

Neli Fonseca

A criança que há em mim
Ri e faz pirraça
Não leva a vida tão a sério
Vive em estado de graça

A criança que há em mim
Não tem medo de chorar
Ficar triste, tal enfim...
Quando precisa desabafar

A criança que há em mim
Não permite envelhecer
A juventude da alma
Nunca será capaz de morrer

A criança que há em mim
Faz canções e poesias
Toca nas cordas do coração
Com amor em sintonia

Feliz Dia das Crianças
Um brinde a alma infantil
Que sempre haja esperança
Nos corações de criança
Do nosso imenso Brasil.

A vida é um amontoado de coisas

Neli Fonseca

A vida nada mais é do que um amontoado de coisas, pilhas e mais pilhas, gigantescas. Além de todas que ela já tem você amontoa um pouco mais. E esse “amontoado de coisas”, são materiais e sentimentais, que de modo geral... Somos todos colecionadores compulsivos, necessitando de bastantes coisas, senão a insatisfação floresce, a luta aumenta, o querer cresce tanto que muitas vezes perdem-se os freios passando por cima de tudo, pior ainda, por cima das pessoas que passam a servir de escadas para as subidas fáceis.

E, cada dia, o amontoado cresce e cresce. Mas se ocupa tudo isso? Todos esses guardados? Não. “Não se ocupa quase nada, mas o TER sempre superou o SER, e daí nasceu aquele ditado: Você vale o que têm”. Então, é preciso ter bastante, muito. Assim, na ganância de uns quererem ter tanto... Outros não têm nada, nem o mínimo dos mínimos, o pão na mesa, o bom dia, a caridade, o perdão, entre outros.

Mas o amontoado de coisas, não pode ser mexido, ele precisa cada dia aumentar, mais e mais.

Daí, um dia, num dia qualquer, percebe-se que, enquanto amontoavam-se tantas coisas... A vida passava, o tempo corria. “E agora José?” a vida e o tempo deram-se as mãos, escreveram no amontoado de coisas. Fim. É hora de partir, e o que você fez? Amontou tantas coisas que agora não servem para mais nada, com a exceção do dinheiro, este, será o único que restará no monte de suas coisas, e servirá, muitas vezes, para criar e semear a discórdia gerada por seu muito querer.

Volume 1

Então, mas então, pela fresta da janela dos últimos instantes que a vida ainda regala graciosamente, você tristemente olha seu montão de coisas bem ali, que, logo, bem logo resultará numa porta-retrato na estante de alguém, e logo... Nem isso.

Refletir faz bem, o diálogo de você com seu interior e sua mente, te faz crescer, perceber que o bom mesmo seria amontoar um montão de vida, vida, vida, vida, mas não é possível. Infelizmente, não é. E se não se pode amontoar vida, por que gastar a vida atoa amontoando coisas... E mais coisas?

Coração, alma, poesia

Neli Fonseca

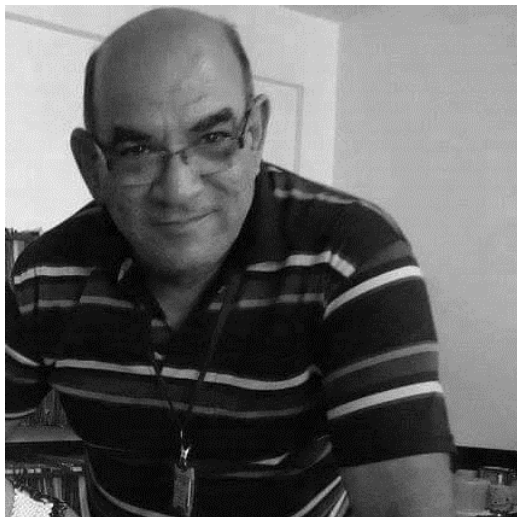
“De poeta e de louco
Todo mundo “tem um pouco”
Assim já disse o ditado
Se já foi dito está bendito
Em nome do amor santificado

Coração, alma e poesia
São sentimentos de nobreza
Contém brilho de alegria
Pura magia e beleza

O amor é seiva da vida
Onde na vida nasce o amor
A poesia é a primavera colorida
Que transforma as palavras em flor

A alma do poeta é estrela cadente
Que atravessa o céu do coração
Seu brilho perpétuo eternamente
Ilumina a vida com paixão

E neste dia consagrado
Ao Poeta e ao Escritor
Seja para sempre blindado
Com muito carinho e amor.



Paulo Roberto Silva

Paulo Roberto Silva nascido em Bauru/SP em 19.10.1958. Mestre em Serviço Social e Especialista em Recursos Humanos. Coautor em diversas antologias/coletâneas. Publicou na Revista Digital Prosas & Versos nº 2. Autor de catorze livros solos e de oito peças teatrais. Atuou como ator pelo Grupo Teatral Dante Alighieri em diversas peças teatrais e em duas produções cinematográficas. Membro da ALSPV, cadeira 30, Patrono: Rodrigues de Abreu.

Poder de resistir

Paulo Roberto Silva

Quando bate o amor
Podes crer
O ser começa a ficar tonto
Sem saber o que fazer.

O amor quando surge
Deixa de lado o rancor
E fazem acontecer
O banquete da vida.

Poder de resistir ao amor
É impossibilidade total
É piada sem graça
Se for amor, não tem como resistir.

Sobre a terra e sob o sol
Pode ser rico ou pobre
Se o amor for de verdade
Será sábio quem não resistir.

Amor não guarda mágoas
Reflete o poder da existência
É sentimento melhor que bom
É passeio irresistível de afagos e carinhos.

Afagando almas

Paulo Roberto Silva

Abraçar um amigo
É unir alma com alma
Coração com coração
Sentimento de amor.

O afagar de almas
É doce mão
Para ajudar o outro
E ouvir a razão.

Força, coragem e estima
Afagando almas com rumo certo
Dão vida ao seu amor
E atenção ao coração.

O amor é lindo
Caminho propicio para a alma
É resposta e verdade
Escritas nas linhas da vida.

Segredos da felicidade

Paulo Roberto Silva

Carismático é uma arte
Ideal de viver bem
Com respeito e galhardia
Ao lado do amor.

O segredo deste mundo
Não é brincar de amor
É vida momento brilhante
E segredos de felicidades.

Ser feliz eternamente
É ter divino amor
E ser merecedor
Da felicidade de uma flor.

Segredos de felicidades
É amor a todo instante
Sendo sempre consciente
Que o amor não é passageiro.

Não te largo nunca mais

Paulo Roberto Silva

Tropecei em um cordão
Era seu de estimação
E com este tropeção
Roubei o teu coração.

Era de fios dourados
Era para amor e não amizade
E com profundos olhares
Ficamos enamorados.

Fios de ouro é amor
De prata é amizade
Mas também tinha pérolas
Que cruzam os corações.

Agora a troca é eterna
Não te largo nunca mais
Arrumei o seu cordão
E te amarrei no meu coração.

Frutos maravilhosos

Paulo Roberto Silva

Queria tanto soprar o vento
E colocado de leve em um jarro
Transformá-lo em brisa refrescante
Para acariciar seu corpo.

Plena verdade do bem querer
É brisa em ramo de videira
Sabor de frutos maravilhosos
Sobre seu corpo perfumado.

Frutos maravilhosos perfumados
Que multiplicam os beijos
Enlaçam os abraços
Frutificam o prazer.

Brisa preciosa de sabedoria
Que exala dia a dia
Proporcionam eternas receitas
Para o fruto de o amor perdurar.

Paladar

Paulo Roberto Silva

A praia linda serena
Nas tardes de sol de verão
É paladar de sonhos
No coração dos amantes.

Praia areia hospitaleira
Convite para a glória de amar
Conquistar corações perdidos
Com versos belos de amor.

Poeta ou não poeta
Fazem versos de receitas de amor
Dando sabor apimentado
Para o paladar do querer.

Como é bom amar na praia
Beijar nas areias felizes
E caminhar de mãos dadas
Para o mergulho no ar.

Liquida tudo

Paulo Roberto Silva

A rifa do meu amor
É liquidação do bem
É grito de socorro para alguém
Vir e me querer bem.

Líquido tudo agora
Inclusive meu coração
Minha liquidação de amor
É totalmente gratuito para ter um grande amor.

Tenho mãos para os carinhos
Voz suave para dizer amor
Beijos sabor de morangos
E abraços de quero mais.

O preço são pétalas de rosas
Que eu mesmo vou comprar
Para quem me adquirir
Poder comigo sobre pétalas amar.

Gente que faz

Paulo Roberto Silva

Muito obrigado por existir
Por me fazer útil
Por integrar minha vida
E me fazer feliz.

Nossa história é real
E de gente que realmente faz
Somos apaixonados por nós
Por sermos sinceros e ter paz.

Somos nós gente que faz
Comprometidos com o amor
E não lembramos só de nós
Pois não estamos sozinhos no mundo.

Na vida encontramos flores
E espinhos doloridos também
Mas é na hora do aperto
Que a gente se ama mais.

Chão de amor

Paulo Roberto Silva

Oh, paz maravilhosa
Que este chão nos traz
Gramado verde de luz
E de evocar o amor.

Ares de vitórias
Chão de amor
Pássaros cantando
E nuvens alvas nos céus.

Na tarde sentar na grama
Sentir a energia no corpo
Maravilhoso beijar você
E fazer amor no chão.

Resplandecente e radiante
É este chão que pisamos
Refulgente aroma cálido
Caricias fugaz para o amor.



Prema Shakti

Vânia Freitas, Instrutora de Yoga Integral (Purna Yoga), Kundalini Yoga e Hatha Yoga. Educadora em Valores Humanos pela Fundação SAI. Cantora e Autora de Mantras do Grupo Nataraja, onde participa da gravação de 03 Cds. Poetisa do MMMR (Movimento Mundial Mulheres Reais), participa da Coletânea I Festival Poesia Revista e nas Revistas: Psicologia, Liberdade e Cidadania, Literalivre e no Projeto Vida Feliz. Coprodutora Cultural e de Eventos da ANYI nos Festivais: Mantras, Danças, Poesias e Terapias, Voluntária no Autocura do Celd e no Projeto da Vila Aurora no PAAEI, Integrante da Academia de Letras e Artes da Zona Oeste (Alazo),

A vida é uma prece

Prema Shakti

Constância, sobriedade
Fé ardente
Amor Pleno
Fervor no servir
Administrar pela Eternidade
Falar como profetisa
A Ti, glorificar
A Ti, nos abrir
Em Cristo nos elucidar
Deus, dá-nos Tua claridade!

Decisão da Tua Descida

Prema Shakti

De uma suposta Terra inanimada
A Terra desperta e ouve Teus passos
Teu olhar vai até as profundezas do Inconsciente
E desperta aqueles que dormem
Troca silenciosa entre a Terra e o Céu
Eterno sacrifício
As florestas clamam constantemente por Ti
A natureza toda contigo é identificada
No movimento interior
É possível te identificar
Encontrar-te...

Coleção Versejar de Literatura

Divino Cocheiro

Prema Shakti

Somos os protagonistas
Que o Divino em nós nos conduza
Não uma entrega inerte,
Sim uma abertura em confiança.

Volume 1

Espectro Fotômetro

Prema Shakti

Gama de cores
Infravermelho
Ultravioleta
Espectros
Faixas de manifestação
Percepção
Ampliar a visão
Ver além da faixa física
Conhecer o arquétipo celestial
Aperfeiçoar
Descortinar os véus
Conhecer
Adentrar
Despertar.

Coleção Versejar de Literatura

Filosofia

Prema Shakti

Romper
Sair do convencional
Expandir
Descobrir a realidade
A essência em tudo
Desenvolver, aperfeiçoar.

Volume 1

Introvisão Aguda

Prema Shakti

Direção

Aprendendo o Segredo da Vida

Filosofia, Arte, Religião, Ciência

Nova Visão

Aproximando paulatinamente da Verdade

Buscar a Verdade essencial

Intermediando, realizando para concretizar

E ampliar a multiplicidade.

Coleção Versejar de Literatura

Movimento de Libertação

Prema Shakti

Caminhos de Expressão
Desfazer, Libertar
O princípio que foi asfixiado
Voltar a si
Ousar erguer-se
Ver
Redescobrir
O Campo Interior.

Volume 1

Solo

Prema Shakti

Matéria

Vida

Base

Processos

Possibilidades

Compreender.

Coleção Versejar de Literatura

Transcender

Prema Shakti

Vida
Corpo
Matéria
Exceder
Afirmar
Integrar.



Roberto Amorim

Nascido em Cabo Frio, em 14 de agosto de 1964, Roberto Amorim viveu sua infância em Arraial do Cabo, na Vila Industrial, onde residiu até os 18 anos de idade. Mudou-se para a Cidade de Cabo Frio. Formou-se em Matemática pela FERLAGOS, onde também pós-graduou-se em Análise de Sistemas. Aproveitou sua época de garoto. Na adolescência, praticou muitos mergulhos submarinos de apneia, além de outros esportes. A escrita de poemas surgiu para defender a natureza e narrar suas experiências de vida, o que já lhe rendeu o livro *As Árvores da Minha Vida*, lançado em 2017 e 2018 “*As 5 Palavras*” e 2019 “*Surfando nas Letras*”. E lançou seu quarto livro em e-book: *Brincando de Poetizar: A Técnica na Amazon*. É Membro Fundador da Academia de Letras e Arte de Cabo Frio: ALACAF. Já participou de diversas antologias no Brasil e três participações com o editor de Portugal.

Viagem de coragem

Roberto Amorim

Minha viagem fiz. Mudei, todo ao mundo.
A fé da amada seguro, meu segredinho.
Lugares de águas semeei força aos segundinhos.
A viagem que fiz muito feliz. Musicado...

Movo ao amor de mudas de luz. Mudado!
Aos mergulhos me sequei, novo segredinho.
E a coragem sou servido, fui certinho.
Sou forte união de músculo. À fé, movido!

No ser bilíngue, à Europa fui eu.
Os olhos brilham. Porto é viver próximo.
Seguro a você, Eldorado elitista.

Feliz com ela, porção de amor-próprio.
Oh, coragem, sou seu menino... Suíça!
Isto que fiz foi por amor bem próspero.

Mergulho

Roberto Amorim

Se tenho coragem
Não fui ao centro da terra
Mas na superfície
Viajei.

Tive Brasília ou Variant, não importa
Não subi em Ibitipoca.
Arranhei meu carro nas estradas apertadas.
Fique furioso!

Mergulhei muito com meu primo de máscara
No peito meus pulmões.
Sentia frio
Quase congelei, tremia feito bambu ao vento

Não vi raia nem badejo
Mas cruzei oceano de um lado ao outro
Fiz o que ninguém fez da família
Deixei meu Brasil
Passei frio não debaixo d'água
Em terras estrangeiras

Se sou forte, não
Sou sonhador
Tenho medo de ficar parado
Esperando o destino
Eu busco o meu

Se falo inglês
Estive na Europa

Fui longe
Tenho conquista que não pode imaginar.
Vem comigo?
Um dia desse ainda acerto uma jamanta, você acha?
Não para matar e sim por coragem.
Vocês ainda duvidam da minha coragem?
Vou mergulhar, mas não no centro do mundo
O meu país é aqui!

Dia dos Namorados

Roberto Amorim

Vivo contemplando seus olhos
Beijar seus lábios é meu alimento preferido
Sentir sua pele na minha é toca seu ser.
Viajar com você é acreditar no possível sejam qual for...
Dia dos Namorados distante, mas não muito. Tecnologia!

Seus olhos: brilham, faíscam, toca meu todo ser.
Quando meus lábios pertencem aos seus, vibro o belo.
Suas delicadas peles enaltecem minha vida
O mar pode estar tempestuoso só eu e você, vencer!
Está com você hoje me torna perfeito, Dia dos Namorados.

Falar do seu jeito de menina, aquece minha alma.
Dona de si, poderosa
Envolver no seu abraço é navegar nas nuvens
Meu melhor: segredo, presente, carinho, dedicação...
Não somos perfeitos, é claro! Mas juntos podemos mais.

Falar do amor, tão abstrato, clareia meu dia.
Seguro as suas mãos tão suaves é meu prazer
Valente guerreira da minha vida
Na luta diária estar com você, enfraquece a dor.
Coração com coração na mesma sincronia

Vou fazer um lanche e já volto.
Voltei. Agora é comemorar com sua companhia
Querida, sempre falo que lhe amo
Mas hoje vou pintar o céu com seu nome
E dizer que lhe amo pra sempre ser feliz ao lado seu.

A raposa e o leão escritor

Roberto Amorim

A raposa e o leão travaram um diálogo interessante. A raposa perguntou: — é só escritor que compra livros?

O leão disse:

— Não escrevo só para escritores, não. Embora todos sejam leitores natos.

A raposa pensou e disse: — não é nada escrever um livro! Coisa à toa.

O leão respondeu:

— Como não é nada? Tem trabalho, tempo e dedicação para escrever. E você tem que ter uma história, e fora que tem custo de insumos: papel, revisores, editores... Se não fosse assim, o livro seria de graça. Você não acha?

A raposa perguntou: — todos leem livros?

O leão falou: — no Brasil não é hábito não. E dos que leem poucos escrevem. Também não têm hábito de escrever.

A raposa perguntou novamente: — e os escritores, eles leem?

O leão disse: — não necessita, porém quem escreve todos os dias acaba lendo muito mais do que aqueles que não lê nada. E quem escreve frequenta lugares em que se respira cultura e isso favorece.

A raposa perguntou: ¬ você já escreveu quatro livros, acha que mudou alguma coisa em você?

O leão respondeu: — sim, conheço muitas pessoas das letras na cidade e no mundo e não para aí. Já fui às escolas e conversei com alunos. O mundo das letras só aumenta minhas habilidades, cada vez fico melhor, estou

ficando bom ou bem melhor que no início. Tudo é um processo muito gratificante.

A raposa continuou proferindo: — no meu tempo dizia que eu tinha que ler. Agora eu vejo que eu tinha que escrever mais, melhoraria minha leitura porque ler gaguejando, ninguém merece.

O leão retorquiu: — sim, eu concordo que nesse caso, sim, embora tenha muitos que já no início ler bem.

Conclusão:

A leitura está para o escritor, assim como o ar está para os pulmões. Não devemos subestimar a escrita que está além da leitura, ela abrange os dois e isso é bom. Existe uma congruência entre escrever e ler, um casamento.

O produto da escrita é um tesouro perpétuo.

Quem fala mal do escritor não valoriza a escrita que está acima da leitura.

Agora, todos os escritores que fazem uso de seu dom todos os dias, praticam a leitura diariamente.

Quem escreve valoriza sua Língua.



Rose Show

Rose Show, nasceu no Afuá - PA, é artesã, ativista cultural e ambiental, cantora, compositora, consultora temática, contadora de histórias, escritora, palestrante para mulheres da floresta, influencer ribeirinha, locutora, pedagoga, poetisa e promotor.

Campeã do Concurso Literário - 2020, “30 Melhores Autores Nacionais” - Edição Comemorativa da Editora Edições e Publicações, eleita pelo público.

Campeã do I Prêmio Nacional Versejar de Literatura – 2021, eleita pelo público.

Volume 1

Saudade

Rose Show

Saudade é chuva triste
chorando mesmo sem tu ver;
Saudade é coração que insiste
em não te esquecer.

Saudade é alma em desespero
sufocando intensa dor;
Saudade é mente viajando
em direção a ti, meu amor!

Saudade é vazio que cresce
como redemoinho em tempestade;
Saudade é meu canto sentindo;
Por ti tanta saudade....

Liberdade noturna

Rose Show

Em tom marajoara
a noite me chama
e eu me entrego à ela
para apagar a chama
de quem clama,
de quem ama...
Soltar as amarras
de tudo que me prende
de tudo que me ofende...
Entende?????
Vou madrugar em harmonia,
em perfeita sintonia

Meu tesão

Rose Show

A tí, meu amor
à quem outorgo o deleite dos meu pensamentos...
Ah, quantos toques em engajamentos!
Como em uma força inexplicável,
eu imagino meu corpo no teu
em ritual lubricioso e intensamente explorável...
Consigo sentir o cheiro da tua boca
me deixando despida e louca...
Temperando meus mais prazerosos devaneios,
eu me imagino mordendo as maçãs do teu rosto
e com fervor sentir teu particular gosto...
Permita-me te amar mesmo à distância bandida?
Aceite esse carinho de quem te que por toda vida!
Eu não te resisto e sempre insistirei
em levar adiante esse amor à quem de alma me entreguei...

Reconstrução

Rose Show

Haverá um tempo para colorir a tela preta e branca
que deixou seu coração triste
por consequência dos seus ímpetos;

Haverá um momento em que "fazer diferente"
nada mais é do que consertar os desacertos
que não deveriam ser cometidos;

Haverá uma oportunidade para repensar
E questionar com verdades
o que é razão, emoção, reação e reconstrução;

Haverá uma chance para juntar
os cacos estilhaçados pelo destino
e, com eles, recompor um novo "eu" dentro de sí;

Haverá um desejo incontrolável
que deverá ser regado
com valorização, cumplicidade e amor;

Haverá uma passagem com destino à felicidade,
cujo bilhete não poderá ser desviado
porque não o encontrará mais;

Haverá um tempo em que você não terá mais tempo...

Volume 1

Amor

Rose Show

Amor que transborda infinitamente em meus versos;
Amor que se lança ao firmamento;
Amor que flexa com suas armas sentimentais;
Amor que fortalece as doses da minha energia;
Amor que se agiganta em um diálogo lubrificante;
Amor que desafia o tempo e a distância;
Amor que me acalanta com uma palavra doce;
Amor que me faz gemer e estremecer em sonhos;
Amor!
Meu amor!
Meu grande amor!

Prazer

Rose Show

Cada dia eu te quero mais!
Estou envolvida por forças sobrenaturais...
Nada consigo explicar
muito menos dizer a razão...
Aqui brota um tesão
que pago com o suspirar...
Sonhar com o homem ideal;
Tentar ser por igual;
Travar a luta da conquista;
Vivenciar o prazer total;
Fazer amor inúmeras vezes
como trabalhista em ritual...
Você é um teste para a pressão,
Amor! Meu amor!
Doce amor dos meus versos!
Eu te quero e te confesso
que irei ao teu encontro
em qualquer ponto do universo!

Volume 1

Aos homens

Rose Show

HOMENS são feras em lutas,
São símbolos de grandes ofícios,
São tesouros da humanidade,
São expressões de sacrifícios...

HOMENS são natureza em vaidade,
São botos em transformação,
São núcleos de prazeres,
São o respirar do tesão...

HOMENS são como noites apropriadas
para uma esplêndida caçada...
São devorados em duplos desejos
em louca/lua/linda madrugada...

HOMENS são ouro em gemidos,
São sentimentais e fascinantes,
São misteriosos e emblemáticos,
São amados e são amantes...

HOMENS são seres especiais
São metade das joias do universo
São molduras do Criador
São apoteoses dos meus versos...

HOMENS ...

Pura paixão

Rose Show

Um ciclo de apaixonante cumplicidade;
Um desejo que nos mostrou maturidade;
Um ritual rico de intimidade;
Um aperto no peito: saudade...

Como é doce ouvir você confessar
que em mim está sempre a pensar
que está começando me amar...
que sou a inspiração do seu lubrificar...

Vamos nos acariciar na cama dos segredos!
Vamos nos planejar sem medos!
Vamos nos fortalecer como rochedo!
Vamos viver o mais belo enredo!

Entrega

Rose Show

Ainda que o sono
me fizesse te perder de vista,
em meus sonhos
tu apareceria como protagonista...

Ainda que a distância
me impedisse de te cheirar,
eu sinto tua essência
e o teu respirar...

Ainda que o teu jeito de gostar
fosse intempestivo e diferente,
eu beijaria-te por uma hora
e dominaria tua mente...

Ainda que o teu amor
estivesse escasso e medroso.
eu aqueceria teu coração
e deixaria-te mais fogo...

Ainda com a certeza
que tu desprezasses meus sentimentos,
eu estremeceria teu corpo
com gemidos e prazeres contentos...

Ainda que um dia...



Valéria Pisauro

Valéria Pisauro, natural de Campinas-SP, é poeta, contista, roteirista e letrista musical. Possui vários trabalhos literários editados e poemas musicados com renomados compositores de todo o país. O requinte de suas poesias/letras prima pela pluralidade de recursos, fruto de pesquisas, onde a variação de estilos traduz a leveza de um trabalho inovador. Participa idôneas antologias poéticas e de reconhecidos festivais de música. Premiada em diversos concursos de poesia, tais como: CONCURSO NACIONAL DE POESIAS CARLOS DRUMMOND DE ANDRADADE; 26º CONCURSO DE POESIA DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA - SP; 30º NOITE NACIONAL SECTUR/UBE-MS; VI FESTIVAL DE LITERATURA DE TUPÃ - SP; XI FESTIPOEMA; 3º MUCURIARTE-MG; CEAT 50 ANOS – RJ; PRÊMIO VIP –MARINGÁ-PR; 20º POETRIX entre outros.

Rede de rezas

Valéria Pisauro

Na esteira das grandes cheias
Ribeirinhas bailarinas cativeiras
Pele vermelha, mulher-sereia
A cantarolar nas beiras dos rios.
Filhas de velhas benzedeiras
Olha o azul sonha com o mar
Correnteza de oferendas
Nas águas de todo lugar.

Contas de rosários, tambor
Canto sagrado que a paz traz
Braços suportam o andor
Louvor a todos os orixás
Rede de rezas que Oxum leva
Segredos a embalar desejos
Enxaguam sonhos inteiros
Lavadeiras em seu altar.

Deixa a água marejar
Deixa a água lavar, levar
Curar todo o mal
Sete ondas de sal
Deixa a fé abraçar a maré
Deixa o céu descansar seus pés
Deixa o rio amar o mar
Eu canto ... todo dia é santo!

Três destinos

Valéria Pisauro

Cansado percorre o aguado leito,
No arado, cultiva o fecundo alimento,
Na estrada, romeiro a abençoar.
Três Chicos, três destinos peregrinos,
Carregam o peso do mundo,
Na correnteza, no lavrar, no altar.
Canta Velho Chico, chora sua ruína,
Segue o destino, rima a vida, rega a morte,
Nascente que semeia, acalanto de margem brejeira
Canta as antigas cantigas das lavadeiras ao vento.
Na cadência de um enredo, canta o pescador e o alimento
Canta a seca e a enchente, canta tudo o que sente,
Tarde demais...

Canta, Chico lavrador, desabafa sua dor,
A mulher amada, sua enxada, a terra arada
Canta a cuia vazia, a vida sem poesia, a semente sem grão
Desperta a mata desarrumada, as sombras não desenhadas
O sol ardente, o sonho cadente e a ilusão.
Canta o pau de arara, sua vida rasa e o sertão.
Tarde demais....

Canta, Chico bendito, louva seu amor,
Santo de encanto, caminhos de fé conduz
Luz que ilumina, faz da graça sua oração.
Reza a sina, procissão que destina,
Enlaça corpo e alma em comunhão,
Bondade infinda, doação.
Sempre mais

Tantos Chicos destinos em uma só missão,
Mata a sede, pari a terra, acalma o coração.

Partes

Valéria Pisaura

Quisera um dia que a poesia
Da primeira fresta da partida,
Que não se escreve com as mãos,
Amanhecesse sem segredo,
Fizesse festa na despedida,
Palavras ditas com paixão,
Dando o vindo por não ido,
Destino do tempo em vão.

Quisera que a dor fosse passageira,
Leveza de raízes sem presas,
Efêmera plantada na areia,
Que desfaz ao primeiro vento,
Apagada, não deixasse cicatriz
Nem marcas tatuadas na alma
E que a nudez das palavras
Fossem escritas com giz.

Quisera você não fosse embora
E outrora, nosso jardim pudesse florir
E ao invés de não, você dissesse, sim!
Quisera que não fossemos metades
E você devolvesse a outra parte
Que roubou de mim, enfim,
Quisera, que não fosse tarde
Para tentar te fazer feliz

Tempo fugaz

Valéria Pisauru

Quem sabe o tempo das esperas
Aflora a prece da solidão,
Desfie o rosário de intentos,
Lapide a canção infinda
E a vida contorna a toda prova,
Desfaz tudo o que ficou para trás.

Qual é o tempo que o tempo tem?
Um tempo a mais no presente,
Mosaicos de memórias de outrora,
Mais próximo do agora de toda gente?
Ou na eternidade que invade o silêncio,
E devora por dentro e por fora?
Quanto pesa o peso do tempo,
Será infinito, breve, ligeiro,
No passado ausente que não convém,
Quanto tempo o tempo tem?

Quanto vale o tempo que não cabe
No desacerto dos ponteiros
No tempo que não havia tempo
Como verso sem asas ao relento,
A desmanchar-se com o vento
Em meio, partes ou inteiro?
Qual é o tempo que o tempo tem?
Um tempo a mais no presente,
Mosaicos de memórias de outrora,
Mais próximo do agora de toda gente?
Ou na eternidade que invade o silêncio,
E devora por dentro e por fora?

Teu todo

Valéria Pisaura

Não quero o azul do teu céu,
Nem teu beijo vermelho-rosa.
Quero a paródia de tua alma,
Tatuando em corpo em prosa.
Quero teu verso raro que invade,
Artifícios de sentidos,
Desisto do “onde” das verdades,
Para tardar a tarde que visto.

Quero a tua chuva-mulher,
Movimento perene a sibilar,
Nuvem esquecida se houver,
Tocante que se esvai singular.
Quero o silêncio das estrelas
E seus brilhos noturnos leais.

Luz acesa do meu lamento,
Amores de deuses mortais.
Quero teu inteiro em muitas partes,
Labirinto plural que satisfaz,
Busco teu todo em minhas metades
E ainda desejo mais....
Muito mais...muito mais!

Semeadura

Valéria PISAURO

Por cima da cumeeira,
Sabiá canta primeiro,
Prosado poético da serra
E a flor de laranjeira festeja.
Banquete de ramas e rimas,
Tempero de terra molhada,
Aroma de cravo e canela,
Enquanto o sol espera
O recolher da madrugada.

O vento espalha segredos,
Varre o bailado das folhas,
Sonha amuado com a chuva
Pra molhar o pó da estrada
E a vida azulada desfila,
Vaidosa como um véu,
Acordes de cantoria
Que deita nos braços da viola
De um menestrel.

E a sedutora semente,
Manhã que doura o ventre
Lavoura que afaga a terra
Encandeia verdes serras
E em versos e poesias
Paciente faz sua lição,
Tece vida feito prece
E amanhece um novo dia
Em forma de canção.

Desenredo

Valéria PISAURO

Toda despedida é doída,
Quem parte leva metades,
Sobra a ausência de quem fica.
Quantas palavras aprender,
Caladas que ficaram sem se dizer
De tudo o que foi um dia.
Tantas idas, tantas vindas,
Sem saber que se perdia.

Nas partes de quem parte,
Braços descansam abraços,
Onde queria eterno, sem ninho.
Nós desfeitos, descaminhos
No estrangeiro do corpo
E o coração respira sucinto.
Trava lutas dentro do peito
E a trilha do destino vira labirinto.

Agora, segue passos descalços
Sem se importar com as estradas,
Deixa marcas por onde passas,
De quem fica e alimenta a falta.
Mapa de vidas repartidas,
Que o tempo da incerteza apaga,
Agora não há mais despedidas,
Qualquer saudade é melhor que nada.

Malabaristas

Valéria PISAURO

Amanhece nos lixos, favelas, avenidas
Malícia que desgasta a rima,
Na saia da moça, no decote da janela,
No olhar andarilho de pecado puro,
Na poça d'água que espelha
E enxágua os pés descalços dos meninos.

Mundo desvalido, artefato, artifício,
Prenhe sem saída em contramão
Luz de neon recria indigentes
Nas escolas, presídios, prostíbulos
E o vidro fumê vaidosamente passeia,
Não ouve, não vê, nem sente.

Entre o hiato do semáforo
Desfilam a batina, a família, a latrina,
Bares cheios de almas vazias,
Malabaristas de falsas notícias,
Spray de pimenta, cassetete, gás,
Grafiteiros cinzas de murais
Descortina a retina e tudo jaz.

Da periferia uma canção sem sintonia,
Playlist em um banco de dados,
Deixa o poeta mudo e o rádio desligado.

Plurais

Valéria PISAURO

Dentro de mim cadeado,
Porta aberta, cárcere privado,
Ventre ancestral do tempo,
Dentro de mim, muralha,
Que a palavra não apaga
Chica da Silva, Dandara, Anita
Pagu, Tarsila, Maria Quitéria,
Cora Coralina, Maria Bonita.

Dentro de mim cicatriz,
Pele de todas as cores,
Vozes em vários tons,
Chiquinha Gonzaga, Nara, Elis.
Dentro de mim despidas,
Severinas, Carmens, Fridas,
Olhar sem filtro, singular sem fim,
Mulheres que sabem dizer não e sim.

Dentro de mim liberdade,
Cativa de múltiplas Marias,
Sagradas e profanas,
Terezas, Madalenas, Penhas,
Mártires, rainhas, vassalas,
Joana D'arc, irmã Dulce, Malala
Múltiplas que choram e riem
Ramos cortados que insistem em florir.



Lucivânia de Araújo Sarges

Lucivânia de Araújo Sarges, que assina suas poesias como Vânia Sarges nasceu em Catolé do Rocha, no interior da Paraíba, em 06 de março. Reside no Pará a mais de dez anos, tem três filhos, sempre amou poesia, escreve a dois anos, coautora em várias antologias poéticas. Membro da Academia Literária Internacional de Poetas e Escritores (ALIFE). Facebook: Vânia Sarges.

Nosso Álbum

Lucivânia de Araújo Sarges

Os ventos primaveris dispersaram as flores
O sol refletiu a bela aurora no silêncio da manhã sedosa
Uma lembrança atemporal aflora, meu coração
Abriga ainda uma parte íntima de nós.

Saudades preciosas, poesia rara d'uma lua sedutora
Nós dois juntos silenciosamente cúmplices
Das nossas folhagens de janeiro.
No retrato da mente emerge uma mágica fragrância nossa
Das rosas gentis do teu amor nos sonhos d'alma que te
lembram.

Assim, nas folhas do nosso álbum,
junto às belas flores de miosótis,
Sorrindo, tu vinhas ao meu encontro
Eternizando a face impecável do amor!

Musa

Lucivânia de Araújo Sarges

Eu sonhava - era jovem, inocente delirante
Queria ser a musa de um poeta errante
Ser cantada, em versos e prosas
Ser a diva de amor do autor,

Cavalheiro e belo, sussurrava ao meu ouvido,
belos e singelos versos de amor
Sonhei e suspirei de dor pelo poeta
Ele, em uma poesia me descreveria
Como uma cotovia ou uma linda gazela

Ele por mim até morreria suspirando
Com saudades, e eu jovem e louca
Correria para seus braços
Devaneios tolos de amor?
Sonhos de uma jovem apaixonada!

O tempo impiedoso passou
O meu poeta de cavalo branco
Que me beijaria com ardor
Uma rosa vermelha me daria
Ainda não chegou.

A poesia permanece marcada
Como fogo, na alma, no coração
E na vida dessa pobre cotovia
Quase musa de um poeta errante.

Miragem

Lucivânia de Araújo Sarges

Na poeira do tempo uma visão perdida
Esquecida, melancólica e agridoce
Em tardes de setembro uma flor de carmim
Da cor do ciúme, misteriosa,
Na janela, deslumbrada, suspira.

Um perfeito cenário de sóis e prados
D'uma pintura realista ancestral
De fábula retalhos do tempo
Formam laços de cetim na beleza peculiar
Chovem pétalas pólens e jasmims.

Na janela um mural de sonhos pincelados de romã,
A flor misteriosa olha, chora, sorri e seduz.
Num instante eterno a exótica flor de setembro
Espera seu vestido dourado de primavera
Sente morosa saudades de si,
Do seu jardim fragrante.

Ah! Por que o tempo?!
O tempo! Que tudo levou!
Apenas deixou a flor nascente
Na miragem da janela.

Moça

Lucivânia de Araújo Sarges

A moça dos cabelos cor de mel
Tem uma grande beleza na alma
Trás na esperança seu horizonte
Sua canção é antiga e romântica.

A moça dos cabelos cor de mel
Sonha simplesmente com belas flores
Dança na chuva enquanto espera o sol
Acredita que sempre é tempo de bondade.

A moça dos cabelos cor de mel
Tem estrelas nos cansados olhos
E um coração enfeitado de ternuras

A moça dos cabelos cor de mel
Sorrindo às vezes também chora
Lava tristezas no temporal das águas
Quando passa a tormenta ela se levanta
Corre para o mar ao encontro do veleiro.

A moça dos cabelos cor de mel
Por vezes é fada outras vezes real
Mas todas as manhãs ela sorri pra vida
Toma seu café, passa um lindo batom e recomeça!

Campestre

Lucivânia de Araújo Sarges

Que seja divinamente simples teu coração
Que seja como a flor alegre do campo
Bailando feliz na companhia do vento.

Que seja forte teu caminhar pela vida
Mesmo que sobre pedras e tropeços
Seja um caminho brilhante de estrelas
Leve, como asas de belas borboletas.

Que seja uma valsa serena a luz da lua
No céu dos olhos que versem sonhos

Que seja na sombra do verde, no amarelo
Dos girassóis, no gosto do café,
No sabor do beijo...

Que seja como o doce da fruta na estação
Um aroma de mel silvestre, chuva fresca
Céu azul, sol claro e quente no raiar do dia
Que seja assim teus dias, teu ano, tua vida!

Que seja simplesmente cristal ou madeira
Mais que seja gente, que é flor do campo!

Viagem

Lucivânia de Araújo Sarges

Decidi voar, sei lá! Olhar o mar...
Talvez ir até o fim do horizonte
Aquele lugar bonito, único, distante
Onde terá inebriantes marés.

Onde terá diferentes sabores
O doce e amargo de viver,
Deve ser envolvente
Nada é imutável,
Estagnada a alma pesa.

Quero voar, chegando lá, naquele lugar
Os galhos balançam ao vento,
Um cheiro sutil de flores,
Acima as nuvens brancas
Mistura azul celeste

Viajo no trem do destino, fantástico sonho!
Atravesso denso nevoeiro, medrosa chorei
Aqui desse lugar extraordinário, vejo frágil
Uma florzinha ao acaso, procurando abrigo.

Entre ti e eu, tem flor, tem amor, tem poema,
Um rosado sol poente e estrelas cadentes
No mar, um marinheiro e sua pérola.
Voarei para encontrar-te, em qualquer lugar
Tu e eu, será que sonhei?
Voarei, pra ver o mar, sei lá! Amar!

Monalisa

Lucivânia de Araújo Sarges

Hoje quando olhei aquele porta-retrato
Amarelado pelo tempo, recordei
Era uma tarde de sol, lembrei de ti
Uma moça com sorriso de Monalisa.

Contemplando algo embevecida
Em um lindo vestido de bailarina
Cintura fina, lábios rosados, tez suave
Tinha nos cabelos, uma rosa vermelha.

Nos olhos guardava um mistério
Na alma, um sonho talvez?
Era jovem bela, parecia uma fada
Estava ao lado de uma roseira florida

Ali naquela tarde perfumada e morna
Ela conheceu o amor, sentiu paixão
Eternizada no momento da fotografia
Suas fantasias de menina, um poema

Ficou como tatuagem no coração
Os ardentes beijos do primeiro amor
A rosa vermelha caída dos cabelos
Nos loucos devaneios apaixonados.

O tempo impiedoso passou por eles
Porque se perderam? Acasos talvez...
A memória ficou guardada no final
Naquele porta-retrato amarelado.

Coleção Versejar de Literatura

Daquele dia que virou uma poesia
A rosa vermelha floresceu depois
De ti, guardou a fotografia única
E a lembrança do primeiro beijo.

Sonhando

Lucivânia de Araújo Sarges

Desfaço-me das amarras
Abro a janela do olhar
Desnudo-me de pudores
Quero sonhar amores
Andar sob a noite nua
As estrelas e o luar.

Vou encontrar a liberdade
Conversar com a esperança
Cantar uma música de antes
Dançar nas madrugadas
Ser namorada do trovador.

Nas ausências de mim
Encontrei a presença do que fui
Descobri a doçura do agora
Querido sonho, não quero acordar!

Sonhei que era primavera em Paris
As flores perfumadas e as luzes
— Passeando e sorrindo contigo.

Quero adormecer
Para sonhar novamente
Tenho a poeira dos sonhos
Guardados em mim...

Adoce a Alma

Lucivânia de Araújo Sarges

Moça, espalhe teu brilho radiante
Adoce o dia, a alma, a vida, o chá
Seja menina, seja mulher, seja jasmim.

Seja uma alegre combinação de maçã
Com mel e pitangas e toques de lavanda
Essência espontânea e marcante
Seja irresistível e poderosa na atitude.

Moça, seja fascinante no teu charme
No olhar, plenamente admirada
Como flor exótica, delicada e romântica.

Espalhe tua fragrância de sonhos
Seja um lírio ao vento,
porque a vida é momento.

Moça, seja uma poesia
Que o poeta escreveu no lenço,
Quando te viu passar na praia ao luar,
Em um dia qualquer de setembro.

Seja uma página colorida no livro da vida,
Espalhando teu brilho radiante floral
Adoce o dia, a alma, a vida e o chá...

Carmim

Lucivânia de Araújo Sarges

Te marquei com meu beijo carmim de flor
Levará em ti meu gosto, pode ir, se puder
Mais, quero que diga nossas verdades.

Serei tua saudade eternizada e suave
Tua risada mais bonita, tua marca de amor
Nas ausências sentirás minha essência.

Deixarei marcada tua boca de carmim
Vermelho da rosa que floriu meu ser
Pode ir, se puderes, sou tua amada eu sei!

Não tenhas medo das lembranças
Se pra ti, fui mistérios ou quimeras
Talvez que amanhã, em outras fragrâncias
Saberás a eternidade desse dia que te amei.

Vá! se puderes, sou tua amada eu sei!
Levará em ti meu gosto, feito mel de flor
Deixarei marcada tua boca com meu carmim!

